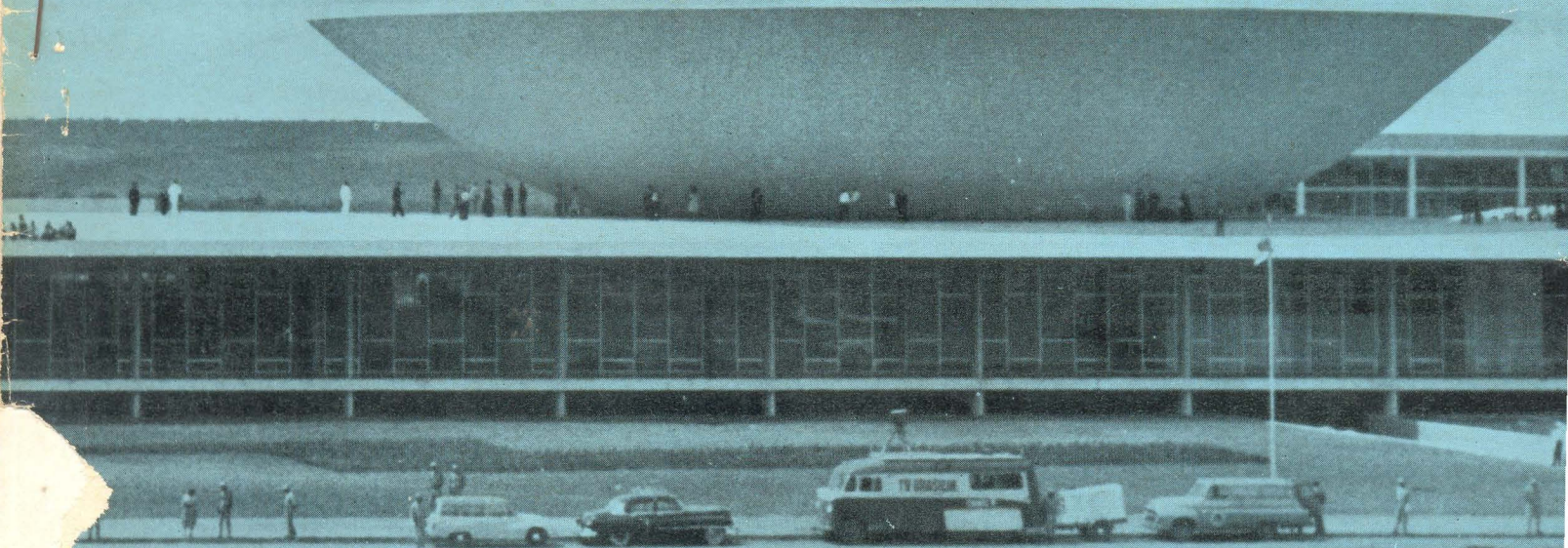


# brasil

41

NÚMERO  
COMEMORATIVO DA  
MUDANÇA



REVISTA DA COMPANHIA URBANIZADORA DA NOVA CAPITAL DO BRASIL



Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, Novacap (Criada pela lei n.º 2.874, de 19 de setembro de 1956).  
Sede : Brasília. Escritório no Rio : Avenida Almirante Barroso, 54 - 18.º andar.

#### DIRETORIA

Presidente :

Dr. Moacyr Gomes e Souza

Diretores :

Dr. Ernesto Silva

Dr. Guilherme Machado

Dr. Pery Rocha França

#### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente :

Dr. Moacyr Gomes e Souza

Membros :

Dr. Adroaldo Junqueira Aires

Dr. Aristóteles Bayard Lucas de Lima

General Ernesto Dorneles

Dr. José Ludovico de Almeida

Dr. Tancredo Godofredo Viana Martins

Cel. Virgílio Távora

#### CONSELHO FISCAL

Membros :

Dr. Armando Lages

Dr. Herbert Moses

Dr. José Peixoto da Silveira

Dr. Themistocles Barcelos, suplente

Dr. Vicente Assunção, suplente

**b.**

Diretor : Prof. Nonato Silva.

Secretária : Elsa Maria Pereira Reis.

Historiador : Prof. Horácio Mendes.

Capa e paginação : Arq. Armando Abreu.

Redator : Leony Mesquita.

Fotos : M. Fontenelle (leica III F-film adox).

Setor de Documentação : Nélio Pinheiro,  
Petrônio Geraldo Canabrava e Poesia  
Campos Seixas.

Relações Públicas : Da Costa Santos.

Expedição : Tibúrcio Bispo Pereira.

Redação : Avenida Almirante Barroso, 54  
- 18.º andar - Publicação mensal da Di-  
visão de Divulgação da Novacap. Fone :  
22-2626 - Rio de Janeiro - Brasil.

Número avulso : Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros).

Assinatura anual : Cr\$ 100,00 (cem  
cruzeiros).

A direção não se responsabiliza por con-  
ceitos emitidos em artigos assinados.

Nossa Capa : O Palácio do Congresso Na-  
cional. Projeto de Oscar Niemeyer.

# brasilíia

ano 4

maio de 1960

número

41

## são paulo e brasília

Menotti Del Picchia

(Da Academia Brasileira de Letras).

Estou convencido de que Brasília será um ponto de partida para uma urgente revisão de todos os valores da vida nacional. O sonho dos revolucionários da Semana de Arte Moderna de 22 — Marcha para o Oeste — se realiza numa real tomada de posse do país, quer fisicamente por uma violenta expansão geográfica, quer pela ação de uma mentalidade autenticamente nacionalista, isto é, decorrente da nossa integração no espírito da terra pelo maior contacto com suas imensas partes ainda virgens.

São Paulo, o inspirador político da centralização através da visão do Patriarca e da pregação da geração modernista que encontrou eco em Getúlio Vargas, o qual deu ênfase ao anseio de interiorização e conquista do "hinterland" no pioneirismo de João Alberto, na criação dos "territórios", no despertar da nossa consciência autônoma com a Siderúrgica, a Petrobrás, vem sendo o grande beneficiado com Brasília. Não apenas, na sua edificação, concorreu decisivamente com os artefatos da sua indústria como vê, nela e na região que ela incorporará à nossa civilização, seu grande mercado. Na realidade é um grande país que nasce no planalto e que caminha, por ousadas estradas, rumo do norte para quebrar a descontinuidade territorial que o ser-tão bruto impunha separando o norte do sul. E'

o acesso às cabeceiras dos grandes rios cujas bacias têm, por uma feliz fatalidade geográfica, suas nascentes na zona de Brasília. As grandes estradas de integração, obra gigantesca da audácia juscélnica, se incorporam os caminhos líquidos de três cursos fluviais imensos, com quedas de água que darão vida e dinamismo aos núcleos populacionais que forem surgindo em seu caminho. E' o espírito das bandeiras que ressurge em tôda a sua plenitude.

A revolução geo-econômica da deslocação da capital para seu local justo e legítimo vai importar numa revisão total da estrutura político-administrativa da nação. Fisiologicamente, com sua metrópole no litoral, o Brasil vivia numa distorção que canalizava a energia nacional apenas para o sul. Nossa constituição, nossas instituições, nossas leis foram inspiradas dentro dessa anomalia constitucional do corpo físico-administrativo da nação. Ultimamente começou-se a verificar o deficiente rendimento da nossa atividade administrativa, o desgaste dos três poderes em crise de funcionamento. Foi por isso que, nas duas legislaturas passadas, eu pregara, no Parlamento, a necessidade de uma revisão no corpo jurídico do país pleiteando uma reforma constitucional de base. Agora ela não é mais uma necessidade: é um imperativo. Brasília aí está para a impor.



## a inauguração de Brasília

Das mais imponentes foram as solenidades de inauguração da Nova Capital do país, iniciadas a 20 de abril e encerradas no dia 23.

Todo mundo oficial brasileiro, o corpo diplomático, figuras da sociedade do Rio de Janeiro, São Paulo, Pôrto Alegre, Salvador, Recife, Goiânia e das outras capitais, dirigiram-se a Brasília, cujo aeroporto recebeu, em apenas quatro dias, mais de mil aparelhos comerciais, num "record" de movimento em campos de pouso da América do Sul, em todos os tempos.

Procedente do Rio e Belo Horizonte o Presidente Juscelino Kubitschek chegou a Brasília às 14h30m do dia 20, dirigindo-se imediatamente à antiga Fazenda do Gama, onde se localiza o histórico "Caretinho", participando ali de uma singela solenidade. De automóvel e acompanhado de grande comitiva, o Chefe do Governo seguiu para a Praça dos Três Poderes, onde recebeu a chave da cidade, das mãos do presidente da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, dr. Israel Pinheiro, que pronunciou, na ocasião, importante discurso, analisando o que foram os dias e as noites de trabalho constante para se entregar aos três poderes da República a Nova Capital do país, na data marcada pelo Congresso para a transferência da Metrópole. Em emocionadas palavras o presidente Juscelino Kubitschek respondeu à oração do presidente da Novacap, exaltando a figura do candango, o modesto e obscuro operário que erigiu, no deserto da planalto central, a mais moderna e arrojada cidade do mundo.

Às 19 horas, chegou a Brasília o Legado Pontifício, Cardeal Manoel Gonçalves Cerejeira, recebido com honras militares por um grupamento misto do Exército e da Aeronáutica.

Às 23 horas e 45 minutos, no altar armado no Palácio da Justiça, o representante do Papa João XXIII deu início à celebração da Missa. Poucos minutos depois, a meia noite, na elevação do Santíssimo, a Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais executou o Hino Nacional Brasileiro, repicando, em Brasília, os sinos de Ouro Preto anunciando o momento histórico em que Brasília passava a ser a capital da República dos Estados Unidos do Brasil.

Após a missa, o Cardeal Cerejeira deu a bênção papal à nova capital; e a seguir, através da Rádio do Vaticano e das emissoras brasileiras, em rede com a Agência Nacional, fêz-se ouvir a saudação diri-

gida ao povo brasileiro por Sua Santidade o Papa João XXIII.

Durante toda a noite e a madrugada, operários, engenheiros e visitantes, irmanaram-se nas ruas de Brasília, em comemorações pelo histórico momento que vivia a nação brasileira.

Às 8 horas, na Praça dos Três Poderes, os clarins do Batalhão de Guardas anunciaram a primeira Alvorada de Brasília. E às 8h05m, logo após a transmissão, por uma rede de emissoras brasileiras, do Repórter Esso, diretamente da Praça dos Três Poderes, o Presidente Juscelino Kubitschek hasteou o pavilhão nacional.

Às 8h30m, os diplomatas, embaixadores em missão especial, compareceram ao Palácio do Planalto, para apresentar suas credenciais e seus cumprimentos ao Presidente da República.

Às 9h30, instalavam-se simultaneamente os Três Poderes da República. No Palácio do Planalto, o Presidente Kubitschek pronunciava um discurso ante os ministros de Estado, autoridades federais e corpo diplomático; no Palácio da Justiça, o Presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Barros Barreto, dava por instalada a mal alta corte de Justiça do país; na área legislativa, o vice-presidente João Goulart, como presidente do Congresso Nacional; o vice-presidente do Senado, sr. Felinto Müller; o presidente da Câmara dos Deputados, sr. Pascoal Ranieri Mazzili, pronunciavam discursos alusivos à instalação da Câmara e do Senador.

Às 10h15m, foi instalada a Arquidiocese de Brasília, pelo Núncio Apostólico, monsenhor Armando Lombardi, sendo empossado o Arcebispo de Brasília, Dom José Newton de Almeida.

Às 12h45m, foi inaugurado o monumento comemorativo da instalação do Governo Federal em Brasília, sendo orador oficial o "Príncipe dos Poetas Brasileiros", Guilherme de Almeida, da Academia Brasileira de Letras.

Às 16h30m, no Eixo Monumental, teve início o desfile dos operários de Brasília, em suas viaturas de trabalho. O desfile foi aberto com a passagem dos contingentes militares aquartelados em Brasília.

Durante todo o desfile os aviões da "Esquadilha da Fumaça", da Força Aérea Brasileira, realizaram evoluções e acrobacias sobre a Nova Capital, arrancando entusiásticos aplausos de milhares de pessoas que se localizavam ao longo dos Eixos Monumental e Rodoviário. A Banda do Corpo de Fuzileiros Navais, famosa em

O sino que repicou anunciando a morte de Tiradentes, o mártir da independência, fêz-se ouvir no dia 21 de abril para comemorar o nascimento de Brasília como a Nova capital do Brasil (F. Manchete).

tudo o continente, exibiu-se também para os visitantes e moradores da Nova Capital, desfilando ainda as colunas militares que fizeram as maratonas do Rio e de Salvador até a Capital da República.

A partir de 20 horas, vinte toneladas de fogos de artifícios, de surpreendentes efeitos, foram queimados da plataforma do Eixo Rodoviário. Vistos a dezenas de quilômetros de distância, os fogos de artifício impressionaram profundamente a todos que tiveram a ventura de ver o inesquecível espetáculo.

Às 21h, uma festa popular na Praça dos Três Poderes associou os trabalhadores aos festejos da inauguração de Brasília. Um "show" com artistas do rádio e da televisão arrancou demorados aplausos de milhares de operários.

Às 22h30, no Palácio do Planalto, o Presidente da República recebeu, para uma recepção de gala, as altas autoridades e os diplomatas que foram assistir aos festejos da inauguração de Brasília.

No dia 22, às 9 horas, sob o patrocínio da sra. Sarah Kubitschek, realizou-se a Festa da Criança, homenageando os filhos dos trabalhadores de Brasília, sendo ainda inaugurado pelo sr. Juscelino Kubitschek um Centro de Reabilitação.

No Palácio da Alvorada o Presidente Kubitschek ofereceu um almôço ao Legado Pontifício Cardeal Manoel Gonçalves Cerejeira.

Às 15h45m, o Legado Pontifício deixou Brasília, viajando para São Paulo.

Às 17 horas, foi inaugurado o primeiro cinema do Plano-Piloto.

Às 21 horas, concerto sinfônico coral de música brasileira, regido pelo Maestro Eleazar de Carvalho, na Praça dos Três Poderes.

No dia 23, a partir de 8h30, teve lugar o Primeiro Circuito Automobilístico de Brasília, com carros de fabricação brasileira.

Às 14 horas, houve, no Lago Artificial de Brasília, uma corrida de barcos das classes "snipe" e "pinguim".

Às 17h30, o Presidente Juscelino Kubitschek inaugurou a Exposição das Metas de seu governo.

Às 21 horas, encerrando as festividades da inauguração de Brasília, foi apresentado o espetáculo de autoria do acadêmico Josué Montello, com música de Villa Lobos e Heckel Tavares e direção de Chianca de Garcia.



morte  
ência,  
come-  
mo a  
e).

para  
pital,  
s que  
Salva-

as de  
efei-  
a do  
e qui-  
artifi-  
a to-  
ines-

a dos  
adores  
asilia.  
e da  
os de

o Pre-  
uma  
des e  
s fes-

ocínio  
-se a  
filhos  
o ain-  
ubits-

Kubi-  
egado  
s Ce-

deixou

imeiro

al de  
aestro  
Três

lugar  
o de  
brasi-

al de  
clas-

ubits-  
s de

s da  
lo o  
osué  
os e  
de





## revolução construtiva

Discurso proferido pelo presidente da Novacap, dr. Israel Pinheiro, no dia 20 de abril de 1960, ao entregar as chaves de Brasília ao presidente Juscelino Kubitschek.

Hoje, à meia noite, Brasília será a Capital da República.

Há cento e setenta e um anos a transferência era sonho patriótico dos Inconfidentes.

Há setenta anos, passou a ser preceito constitucional.

Há quatro anos V. Exa. dava início à concretização do sonho secular com a Mensagem de Anápolis.

Há três anos e meio, V. Exa., senhor Presidente Juscelino Kubitschek, em 2 de outubro de 1956, pisava pela primeira vez as terras do Planalto e iniciávamos a batalha de Brasília.

Neste momento, os soldados dessa grande e dura peleja aqui se encontram reunidos, em posição de sentido, para entregar ao seu comandante, a V. Exa., senhor Presidente da República, a chave da cidade de Brasília.

Aqui estamos, todos os que porfiaram na dura batalha de Brasília.

Batalha pela construção de uma Nova Capital digna de nossa Pátria e de suas proporções, em zona virgem, afastada mil quilômetros dos grandes centros.

Em que os mais diversificados problemas, todos de amplitude nacional, exigiam soluções fulminantes que vencessem o tempo e o desgaste das controvérsias.

Em que se apresentava como frente perigosa a infiltração das incompreensões.

Em que se alinhavam à nossa vanguarda, como senão bastassem tantos obstáculos, com armas novas e reluzentes, esse recalque colonial de inferioridade, esse sentimento de incapacidade de libertação, esse medo original de expansão independente, lentamente estratificado na consciência nacional por uma secular pregação conformista.

Batalha em que V. Exa., desde a primeira hora e sempre, assumiu pessoalmente o posto de comandante em chefe.

V. Exa., que aceitou a investidura de um governo de recuperação econômica, bem compreendeu a magnitude do problema que iria enfrentar e resolver.

Bem compreendeu que manobras financeiras mais ou menos hábeis não solucionam as crises peculiares a países sub-desenvolvidos.

Que essas crises não se combatem com a restrição, mas superam-se com o desenvolvimento econômico.

Conseguindo fazer vitoriosas tôdas as metas governamentais, V. Exa. estabeleceu como medida básica e síntese de tôdas elas a transferência da capital.

Batalha que, mercê de Deus, está conduzindo os brasileiros para um novo entendimento dos problemas e dos homens do Brasil.

Batalha de cuja crueza e de cujos sofrimentos surgiu essa nova força propulsora, de inponderável significação — o "espírito de Brasília".

"Espírito de Brasília", revigorador da nossa fé, do nosso entusiasmo, da nossa confiança.

Aqui estão diante de V. Exa., todos os que porfiaram na dura batalha.

Os candangos, os funcionários, os técnicos, os diretores, os conselheiros, o presidente da Novacap e todos aqueles que cooperaram na construção da Nova Capital.

Aqui estão todos em parada de revistas, em continência ao comandante, ao fim da batalha.

Falta Bernardo Sayão, símbolo do pioneiro, trucidado pela vingança da selva.

Falta tanta gente. Faltam tantos operários, tantos companheiros.

Faltam tantos que conosco pelejaram, acreditavam e esperavam, mas que tombaram antes do dia da vitória.

Aqui estão todos, vaidosos, não pelo dever cumprido que é contingente à dignidade humana.

Mas tocados por esse raro e legítimo orgulho de terem sido os eleitos pela Divina Providência para instrumentos de realização da obra monumental.

Ao mesmo tempo humildes pela consciência de que outros poderiam ter sido os convocados.

Não cabe distinguir vencedores e vencidos. Não cabe distinguir os que mais fizeram por merecer.

Todos se despersonalizaram na comunhão igualitária do trabalho, nivelados pela unidade do ideal.

Obra como esta só poderia ser feita com amor e com grandeza.

Nada de pequeno, nada de mesquinho poderá germinar, logrará proliferar nas alturas deste Planalto, nestas amplitudes iluminadas.

O cenário é grandioso demais: avassala, dissolve e anula as preocupações de superfície, mas estimula, alimenta e expande as grandes decisões.

Senhor Presidente

A mudança se impunha — já o dizemos desde os primeiros dias — como uma verdadeira libertação do governo federal, encasurnado na metrópole talássica, divorciado do Brasil continental.

Para libertá-lo da depressiva atmosfera ambiente, carregada de interesses particulares e de grupos.

Para libertá-lo do fenômeno da miragem — mais enganadora nas grandes cidades do que no deserto.

Miragem de uma civilização magnífica, por certo um orgulho para todos nós, mas que era uma amostra apenas no panorama geral da nossa realidade.

A mudança se impunha como uma reto-

mada da nossa vocação bandeirante, uma nova arrancada para o interior, capaz de dilatar o nosso domínio econômico e criar uma nítida consciência de integração nacional.

A mudança se impunha como um vigoroso impacto psicológico, para despertar o interior prostrado por tantos anos de sofrimento, revigorando-lhe as reservas de coragem e de confiança.

Como a Independência libertara o Brasil da exploração da metrópole, a mudança do governo libertaria o interior da escravização econômica do litoral, despertando a confiança e o coragem das suas populações e abrindo caminho a uma nova independência.

Além de obra desbravadora, seria principalmente obra de consolidação do desenvolvimento brasileiro.

Marco da grandeza nacional, Brasília é uma obra revolucionária que não fundamenta sua vitória sobre escombros.

Não é produto de um movimento que, para renovar, renega os padrões de cultura, de tradição e de fé que asseguram continuidade à história de um povo.

Brasília anula uma mentalidade inadaptável à realidade brasileira, esmaga velhos erros.

E' uma revolução exclusivamente construtiva.

Revolução política, revolução econômica e financeira, revolução social, revolução arquitetônica e urbanística.

Um tal empreendimento revolucionário não haveria de trancar-se nos impecilhos e nas morosidades da rotina.

Uma obra revolucionária exige a força de um impacto, instantaneidade de ação e soluções rápidas.

Por isso, a revolução de Brasília não haveria de fugir a essas determinações de vitória.

Tôdas as energias deviam ser mobilizadas em um só impulso criador, para que a obra portentosa não se desgastasse nos atritos e na inércia da indiferença e do descrédito.

Brasília não é grande por excesso ou por arbítrio. Ergue-se nas proporções do país e dos seus problemas.

Sendo uma concepção revolucionária, só poderia ser realizada em termos de revolução.

Mas, para a materialização do sonho secular, para a execução da grande aventura, era necessária a presença atuante do homem que tivesse a coragem de arcar com a tremenda responsabilidade.

Com a tremenda responsabilidade de sacudir do marasmo, com a explosão de Brasília, o conformado de todos os tempos.

Era necessário o homem que incendiasse o "espírito de Brasília" em todos os que aqui trabalham, animando-os pela presença, orientando-os, vivendo as suas vicissitudes e as suas glórias simples, incutindo-lhes, pela segurança do comando, a fé e a confiança indispensáveis.

Um dos fatores decisivos para a realização desta obra fundamental foi a bravura de V. Exa.

Porque, se os desígnios da Divina Providência cometem aos grandes as grandes tarefas e aos fortes as grandes lutas, só concedem aos bravos a vitória.



Senhor Presidente

O destino espiritual do Brasil se fixou desde a primeira hora.

Em 1.500, em Pôrto Seguro, a Cruz de Cristo abria os braços na terra descoberta, vinculando à Proteção Divina a destinação espiritual dos homens que iriam povoar a Terra de Santa Cruz.

Durante dois séculos, na praia "praiana, chã e mui formosa" da Bahia, ela amparou a consolidação das fronteiras, a unificação e a defesa da integridade da Pátria. Durante mais dois séculos, dos penhascos da Guanabara e do alto do Corcovado, ela orientou a Independência e a civilização litorânea, que definiu a nossa posição no mundo.

Agora, riscada na terra rubra do Planalto - braços abertos para norte e para sul, pés voltados para oeste - ela abençoa, simboliza e orienta a marcha da integração nacional.

Aqui, como selo de um determinismo divino, imagem da força espiritual que preside a nova civilização, as construções se elevam acompanhando as linhas do Madeiro Sagrado.

Assim também, Brasília se afirma e se configura principalmente pelo seu sentido espiritual.

Brasília será, preponderantemente, por seu destino inevitável de geratriz espiritual, a plasmadora de uma mentalidade nova e autêntica.

Brasília é obra de civismo sadio, de otimismo criador, de ânimo pioneiro, de tudo que não se contenta e se esgota na rotina satisfeita, mas que se antecipa e se multiplica em iniciativas que rasgam os largos caminhos de um futuro que o Brasil reclama com impaciência, com ímpeto jovem, com fome de renovação.

Este é o espírito de Brasília.

O espírito de Brasília é tudo que há de contrário ao derrotismo sistemático, à esterilidade do negativismo e às atitudes

de um ceticismo que confia ao futuro, em um perpétuo adiamento, as obras que não quer ou não pode empreender no presente. E' com esse "espírito de Brasília" que se afina a vocação nacional, no que tem de mais legítimo e mais poderoso em seus melhores impulsos.

E' esta a alma da Capital, que proclama aos nossos próprios olhos a consciência de um destino grandioso.

Aqui, a esta alta encruzilhada interior, há de irradiar-se um pensamento novo, hão de afluir tôdas as sãs correntes de brasilidade, tudo o que fôr mais nosso, de original e preservado, para a configuração de uma grande síntese.

Mas, não nos deixemos trair pela calma que sucede aos primeiros dias da vitória. Abrem-se novos e dilatados campos de luta.

Entramos agora na segunda fase da grande revolução.

Na fase de consolidação das posições atuais, da ocupação do território conquistado.

Da arremetida para a invasão das florestas tropicais pela retaguarda dos grandes rios.

Das estradas de penetração e da fixação de núcleos humanos no deserto interior.

Entre as duas arrancadas não pode haver trégua, não pode haver repouso para que não se desarticule e arrefeça o ânimo inicial.

Ampliou-se de tal forma tal a frente de combate que a tremenda mobilização dos elementos exige a continuidade do esforço gigantesco.

O que será possível com o "espírito de Brasília" que fornece o substrato espiritual, base da renovação brasileira.

Brasília não é apenas um episódio na vida de uma nação, um momento nas transformações fundamentais e definitivas da sua história.

Ela será eterna para a nacionalidade, sím-

bolo palpitante de um povo que se orienta para grandes rumos.

Um sinal de fé, de paz e de esperança para os povos do universo que temem e duvidam.

Hoje, à meia noite, rompendo o silêncio misterioso da Consagração da Hóstia, um sino repicará na voz do primeiro bronze fundido no Brasil.

E' o sino que, em seu modesto campanário da vetusta Ouro Preto, já dobrava quando morreu Tiradentes.

E' o sino que há cento e sessenta e oito anos plange a expiação do Mártir da Independência.

E' o sino do Padre Faria repicando a aleluia de Brasília.

Ao Santo Sacrifício da Missa de hoje, estará também presente a mesma Cruz de Cabral que aprou os veleiros dos descobridores na rota do desconhecido e da aventura.

A mesma Cruz que amainou as tempestades e ouviu as orações aflitas dos marinheiros portugueses.

A mesma Cruz da Frota de Cabral que, cinco séculos após, volta para recolher as preces agradecidas do povo que construiu Brasília.

Amanhã, 21 de abril, frente ao Palácio Residencial, clarins festivos vibrarão a alvorada.

E' o Brasil que amanhece.

Nesta véspera de exaltação patriótica, nesta última concentração no acampamento de Brasília, genuflexos, dominados por um profundo sentimento de humildade, elevamos nosso pensamento, nossa alma, nosso coração.

Em uma prece ardente a S. João Bosco.

Oráculo tutelar da nova civilização brasileira.

Que do modesto nicho da Ermida, com seu sorriso eterno e manso, velou pelos trabalhos da construção de Brasília.

Rogando-lhe interceder pela felicidade do Brasil.

Graças a Deus.





## fôrça propulsora do brasil

Discurso proferido pelo presidente da República, em 20 de abril de 1960, ao receber as chaves das mãos do presidente da novacap, dr. Israel Pinheiro.

Meus amigos e companheiros de lutas, soldados da epopéia da construção de Brasília, recebo, profundamente emocionado, a chave simbólica da cidade filha do nosso esforço, da nossa crença, do nosso amor a este país. Sou apenas o guardião desta chave. Ela é tão minha quanto vossa, quanto de todos os brasileiros. Falei em epopéia, e retomo a palavra para vos dizer que ela marcará, sem dúvida, uma época, isto é, "o lugar do céu em que um astro atinge o seu apogeu". Chegamos hoje, realmente, ao ponto alto da nossa obra. Criando-a, oferecemos ao mundo uma prova do muito que somos capazes de realizar e a nós próprios nos damos uma extraordinária demonstração de energia, e mais conscientes nos tornamos das nossas possibilidades de ação.

Entre o presidente da República, que vos fala, e vós, trabalhadores de várias categorias — técnicos, empreiteiros, fornecedores, mestres-de-obras, operários e aprendizes, homens da iniciativa privada, que para cá vos transferistes e me ajudastes — nestes anos de labor incessante, pelos dias e pelas noites, se formou tal vínculo de amizade, se estreitou tal estima, se estabeleceu tal corrente de compreensão, que nos ligamos todos para o mesmo objetivo, que se nos faziam comuns os problemas de cada um. A irmanação de quantos aqui trabalharam lembra a construção das catedrais da Idade Média, quando artistas anônimos, mestres, aprendizes se animavam pela fé em Deus, em cuja honra se levantavam êsses poemas arquitetônicos.

Brasília só pode estar aí, como a vemos, e já deixando entender o que será amanhã, porque a Fé em Deus e no Brasil nos

sustentou a todos nós, a esta família, aqui reunida, a vós todos, "candangos" a que me orgulho de pertencer. Viestes, alguns de Minas Gerais, outros de Estados limítrofes, a maioria do Nordeste. Caminastes de qualquer maneira até aqui, por estradas largas e ásperas, porque ouvistes, de longe, a mensagem de Brasília; porque vos contaram que uma estrêla nova iria acrescentar-se às outras vinte e uma da bandeira da Pátria. Reconheço e proclamo neste momento, que sois expressão da fôrça propulsora do Brasil. Tínheis fome e sede de trabalho num país em que quase tudo estava e está ainda por fazer. Os que duvidaram desta vitória; os que procuraram impedir a ação; os que se desmandaram em palavras contra esta Cidade da Esperança, desconheciam que o impulso, o ânimo, a fé que nos sustentavam eram mais fortes do que os desejos de obstrução que os instigavam, do que a visão estreita que não lhes permitia alcançar além das ruas citadinas em que transitam. Mas deixemos entregues ao esquecimento e ao juízo da História os que não compreenderam e não amaram esta obra. Deixemos de lado as dificuldades, as cansaças, as incompreensões, os interêsses contrariados, alguns de puro egoísmo, outros compreensíveis; deixemos de lado a tendência ao imobilismo, às injustiças, até os desumanos ataques. A hora é de emoção. Atinamos o pôrto para onde se dirigiam as nossas esperanças. As peripécias da viagem e este mar de trabalho, esta extensão de tarefas que parecia infinita, verificamos hoje como foi rápido vencê-los todos. Quatro anos somente são transcorridos desde o dia em que dormi aqui numa tenda, em plena solidão do Brasil, no sertão sem fim, vendo rondar o meu acampamento a ameaçadora presença de animais selvagens. Nestes quatro anos, com que febre vos atirastes ao trabalho! À vossa frente se punha êsse capitão da Epopéia, êsse incansável Israel Pinheiro, que abandonou o conforto, a posição política, para dedicar-se, de corpo e alma, ao que parecia uma aventura, ao que ontem constituía um risco, e hoje é um triunfo.

Assisti desde as primeiras horas a vossa chegada ao planalto; vi como pegastes no trabalho, como vos animastes, homens à procura de um destino melhor, não apenas para vós mesmos, mas também para o nosso país. Vosso idealismo animou-me a mim próprio. Falais pouco, apenas o suficiente, pois o sofrimento vos tornou sérios, graves. Não é por palavras e aplausos que manifestais o vosso agrado e o entusiasmo que vos possui: é pela ação.

Trabalhou-se aqui, em três turnos, durante tôdas as horas do ciclo da Terra em redor do sol. O nosso sol era a Cidade que íamos todos construindo, levantando, erguendo. Um sol já existia em nosso desejo e em nossa esperança; estava, porém, invisível quando aqui cheguei com uns poucos colaboradores, no dia dois de outubro de 1956, à grande planície vazia, onde só encontramos, como sinal de presença do homem civilizado, um cruzeiro que a Comissão Demarcadora de Fronteiras mandara erguer em sinal de sua passagem. Brasília começou nesse momento a deli-

near-se em nossos espíritos. Fostes, "candangos", com o vosso trabalho, os operários do milagre. Quantas vêzes, em horas mortas, vos acompanhei nas vigílias noturnas quando, para espantar o sono, se rompia o vosso hábito de silêncio e por êstes ermos ecoava o canto que vos mantinha despertos e alerta.

Sei bem — todos o sabem — que os episódios do erguimento desta cidade, mesmo os mais obscuros figurarão na história que escrevestes com o vosso suor. Um dia virá alguém que fixará no papel a nossa vida de "candangos". As gerações futuras desejarão saber tudo o que aconteceu na Capital da Esperança. E não de rememorar, por certo, a iniciativa generosa de alguns amigos meus, que, diante das dificuldades para a primeira acomodação do presidente da República no deserto, obtiveram por empréstimo quinhentos mil cruzeiros e construíram êsse "Catetinho", rústica habitação, a primeira casa de Brasília, hoje entregue ao patrimônio histórico.

Quero agradecer, agora, de público, a iniciativa que me permitiu dormir abrigado no dia 10 de novembro de 1956.

Recordo — que é ver outra vez com o coração — como se tivesse acontecido há poucos minutos, o meu primeiro encontro com os candangos, com os primeiros cinquentas gloriosos e humildes brasileiros que sofreram e viveram aqui. Era uma meia centena de homens, molhados da cabeça aos pés, porque chovia copiosamente. Depois o grande e discreto Niemeyer traçou o hotel. Acelerou-se o ritmo de construção da cidade. Puseram-se em movimento as energias. O fruto aqui está.

Ninguém vos subtrairá a glória de ter lutado nesta batalha tremenda. Não vos esqueceria jamais, trabalhadores brasileiros de tôdas as categorias a quem me sinto indissolúvelmente ligado. Eis o produto de nossas angústias, de nossos riscos e do suor de nossas lides, eis a cidade, que o extraordinário Lúcio Costa disse já nascer adulta. Ei-la plantada no coração do Brasil, o seu lugar exato. Eis as estradas abertas permitindo que os brasileiros de todos os Estados da Federação, venham à sua Capital. Começamos a transportar a civilização para o interior. Brasília começou a crescer. O Brasil começou a crescer também, mais rapidamente, para recuperar o tempo perdido.

E' com profunda emoção que evoco os que, tendo tombado no campo de batalha, participam também desta vitória final — Bernardo Sayão, pioneiro de Brasília, que hoje repousa no Campo da Esperança, os engenheiros e os candangos que Deus levou para a paz e para a glória.

Com a maior humildade, voltado para a Cruz da Descoberta e da primeira Missa, que Portugal nos confiou para êste dia solene, agradeço a Deus o que foi feito. Sem a Sua vontade nada se move, não se ergue uma palha sequer. A vontade de Deus ergueu esta Cidade.

Com o pensamento na Cruz em que foi celebrado o Santo Sacrifício, peço ao Criador que mantenha cada vez mais coesa a unidade nacional, que nos dê sempre esta atmosfera de paz, indispensável ao trabalho fecundo e conserve em vós, obreiros de Brasília, o mesmo espírito forte com que erguestes a grande cidade.



## evocação de Brasília

mas todos com a mesma fé, a mesma decisão inabalável de não poupar sacrifícios, de não medir as horas na execução das tarefas.

Assoberbados pelos trabalhos, jamais deixamos de acompanhar a sua atuação no cenário amplo do país.

Sofremos com a sua luta tenaz, sôbre-humana — que algum dia terá o título de “epopéia de Brasília” — contra os obstáculos onímodos que teimavam e ainda teimam em acorrentá-lo a fórmulas de administração largamente superadas pela realidade brasileira.

Vai longe o dia do “Compromisso de Jataí”, — abril de 1955 — quando o senhor descobriu na alma nacional êsse tropismo irrecusável para o interior.

Daí, para cá, começou a batalha de Brasília.

A negação dos valores novos que se desvencilhavam de convenções seculares, afiou as suas armas.

Economistas e ensaístas vieram com letra de fôrma, derramando aos quatro ventos teorias clássicas de princípios do século dezenove.

Demolidores impenitentes, agentes dos interesses contrariados de tôda ordem, multiplicaram-se e floresceram anunciando desgraças e hecatombes.

Profetas rufaram os tambores, desconhecendo a revolução, o despertar do gigante sacudido por uma fôrça nova.

Arrogando a si próprios uma destinação messiânica de salvadores da Pátria, que continua como sempre “à beira de um abismo”.

Tôdas as armas foram usadas. Nada foi poupado. Todos os sofrimentos foram provados.

E a tudo e a todos o nosso Presidente resistiu e a tudo e a todos venceu.

Mas, esqueçamos por instantes o fragor da luta.

Relembremos pequenos e grandes acontecimentos que falaram de perto à nossa sensibilidade, desde os nossos primeiros contatos com a virgindade dêstes chapadões. Acontecimentos que para muitos podem ter apenas a simplicidade de um registro no tempo.

Mas que, para nós que os vivemos e sentimos, têm um sentido emocional profundo. Foi ontem ainda, Presidente.

Mas a celeridade dos trabalhos fêz com que êsses episódios de um passado quase presente tomassem aquêle colorido manso de saudade que só pode ser percebido pelos que os viveram.

O primeiro almôço no Catetinho.

Os sonhos. A ante-visão de metrópole que ia se levantar lá em baixo.

A primeira visita à “Larga do Bananal”. O jipe sacolejando nas trilhas carreteiras, varando o cerrado, para a escolha de local para o Palácio da Alvorada.

As emas, os veados, as gralhas, tôda a fauna aborigene espantada com o tropel dos invasores.

Um ipê florindo na savana — pepita de ouro que Anhangüera esqueceu de levar. A caminhada difícil para o local da Ermida de D. Bosco.

O vôo preguiçoso dos gaviões, o grito das araras do Paranoá.

A primeira lâmpada elétrica brilhando na noite do chapadão.

O sol, a poeira, a tempestade, a lama, os grandes ventos.

Poente, noite, desconforto.

Cansaço.

Para recomeçar tudo de novo na madrugada, com entusiasmo multiplicado.

Como se pesasse sôbre uns poucos brasileiros, como se pesasse sôbre cada um de nós, isoladamente, a responsabilidade da própria conservação nacional.

Os tratores chegando prudentes, roncando — mandíbulas de aço roendo a crosta da terra.

A primeira Missa de 3 de maio.

Os caminhões despejando torrentes de nordestinos.

A primeira estaca batida no Plano-Pilôto, em 4 de janeiro de 1958, para o Palácio do Congresso.

A inauguração da estrada de Anápolis, do Hotel e do Palácio da Alvorada, em 30 de junho dêsse ano.

A morte de Bernardo Sayão, êsse paladino do Brasil interior, figura romântica de Cruzado do século XX, plantando a Cruz nas almenaras da mata virgem.

Os engenheiros, os companheiros e os candangos que morreram vitimados em serviço — tributo humano e doloroso em tôdas as grandes realizações.

Padre Primo levando para o Céu a notícia de Brasília.

E a cidade se desenrolando como num calidoscópio.

Lançando mil raízes para o chão e mil tentáculos de ferro e de concreto para o alto.

E vem o fechamento da barragem.

O lago que sobe e alonga os braços líquidos para abraçar a sua cidade.

O esparadrapo negro do asfalto cobrindo as feridas da terra.

Os gramados, os trevos, os viadutos, as avenidas, o cruzamento, os edifícios, o tráfego formigando de viaturas, aviões cortando o azul.

O compasso suave dos primeiros dias se desenvolve, acelera, amplia, cresce.

Aumentando a orquestração fantástica do trabalho, até o final da polifonia rascante das máquinas — centenas de máquinas atirando para o céu a poeira bendita do progresso.

Trepidação, tumulto de preocupações, alegria, sofrimento, vibração. Vida. Esperança. É Brasília que aparece, explende na sua beleza e se proclama ao Brasil.

Brasília de cem portas.

Presidente e Chefe

Em 31 de janeiro de 1961, no Palácio da Alvorada, as rédeas do Governo passarão a outras mãos.

A magnanimidade do povo vai lhe permitir um descanso merecido.

Mas um descanso vigilante como o descanso do soldado, porque novas convocações hão de bater à sua porta, porque o Brasil ainda precisa de homens como o nosso Chefe de hoje.

O Senhor nos encontrará sempre dispostos, onde quer que estejamos, prontos a correr para o serviço do país ao menor aceno.

Com o mesmo entusiasmo, o mesmo vigor e a mesma calorosa estima com que agora o abraçamos.

Com a mesma dedicação, com o mesmo desinteresse que agora protestamos, não só ao nosso Chefe Juscelino mas também a V. Exa., Senhor Presidente da República.

Discurso proferido pelo dr. Israel Pinheiro, em 3 de abril de 1960, por ocasião do Churrasco dos Pioneiros, no Catetinho.

Presidente

A 21 de abril, será inaugurada a nova Capital do Brasil.

Na véspera, na Praça dos 3 Poderes, todos os que trabalharam e trabalham em Brasília se reunirão em despedida ao comandante da grande batalha da construção.

Porém, antes dessa reunião plena, aquêles que na primeira hora e quando o quartel general ainda estava sediado neste Catetinho, compareceram com sua disposição, o seu braço e o seu coração para os primeiros embates, aquêles que se apresentaram na primeira linha de frente, quisessem que nos reuníssemos em uma festa íntima.

Festa de recordação, de saudade e de homenagem ao Chefe.

Hoje, queremos que o senhor Presidente da República, por alguns momentos, seja apenas o chefe da grande família brasiliense.

Família criada pela sua presença, pela sua atuação, pelo seu arrôjo, pelo seu amor e pela nossa confiança na sua direção segura e paternal.

Família agregada pela identidade de sentimentos e fortalecida pela solidariedade integral dos seus membros.

Os que tiveram a ventura de serem os primeiros convocados para auxiliá-lo na grande aventura e que constituíram o tronco da numerosa família brasiliense, pediram-me para falar por êles nesta reunião de despedida.

Vamos conversar, trocar idéias em tertúlia familiar, ao pé do fogo.

Aqui estamos em intimidade, na sala da Casa Grande, na nossa primeira casa de Brasília, no Catetinho.

Não temos cerimônia. As palavras podem sair com a nudez original do pensamento.

Quantas recordações, quantas saudades. Daqui, seguindo-o, descemos e fomos nos espalhando na chapada, cada um com a sua incumbência, cada um no seu setor,



## oração do cardeal legado

A seguir publicamos o texto da oração do Cardeal Cerejeira, proferida ao término da Missa Campal, na Praça dos Três Poderes :

"Christianae humanitatis cultus fax sit, quae in Brasilia in exemplum fulgeat. (Refulja exemplarmente em Brasília o esplendor da civilização cristã). Continua a história do Brasil. Como na hora do seu nascimento, e perante o mesmo crucifixo de ferro que serviu na Missa da Descoberta, renova-se o Santo Sacrifício da Redenção — princípio do homem novo e do mundo novo — ao inaugurar Brasília, a Nova Capital do Brasil do futuro. E eu pergunto a mim mesmo se isto não significará um segundo nascimento.

Nasceu cristão o Brasil. Foi em Pôrto Seguro o seu batismo. Serviu Portugal de padrinho. O nome que lhe buscou no Evangelho (nome da esperança, da libertação, da salvação): Vera Cruz.

Ao consagrar a terra nova, que o padre Rui Pereira, da Companhia de Jesus, em 1560 dizia se houvesse paraíso terreal seria aqui, e a redimir o homem que Pero Vaz Caminha acrescentava ser "o melhor fruto que dela se pode tirar" — Nosso Senhor Jesus Cristo, o Redentor do mundo, veio em pessoa sacramentalmente na Missa celebrada por frei Henrique de Coimbra (a qual o pintor Pedro Américo imaginativamente, procurou evocar no belo quadro conhecido).

Hoje, à primeira hora da existência de Brasília, como Nova Capital, vem um Legado de Sua Santidade, o Papa, o qual declara querer de algum modo estar presente neste ato histórico — histórico para o Brasil e para o mundo: é um ato que precede o tempo — vem um Legado do Papa a consagrar e a abençoar a Nova Capital, e com ela e nela, o Brasil Novo. Cresceu tanto o Brasil, ao serviço de Deus e do homem, que o Padre Santo de Roma, a quem foram confiados todos os povos, olhando para o mundo inteiro, fixa o olhar com alegria e esperança, nesta grande Nação (a quarta maior da Terra, e todavia pequena, ainda, para a grandeza do seu destino providencial) como a "maior nação católica do globo".

E' para este imenso destino que está voltada Brasília. Nova epopéia de civilização esperando dar ao Brasil, para a Igreja e para o Mundo, mais de oito milhões de quilômetros quadrados, humanizados, cristianizados.

Foi dito soberbamente, falando da região amazônica ainda em trabalhos de fixação,

que ela representava o "último dia da Criação". Que dizer de Brasília? O Livro do Gênesis do Brasil não terminou ainda; o sétimo dia não chegou para êle; Deus continua a sua obra. Brasília é uma alvorada.

Esta é "a cidade do futuro" como proclamou, aqui mesmo, quando da cerimônia da fundação, a mais alta e representativa voz do Brasil, digo a própria voz do Brasil.

Brasília é esperança, é promessa, e é penhor dum Brasil maior. Poderia avançar-se que nasceu de uma visão profética dêle. Aqui, o homem venceu a lei do tempo. O ritmo de crescimento do Brasil foi apressado. De Brasília se repetirá o que ensina o Eclesiástico: "a fundação da cidade imortalizará o nome do fundador".

Esta Missa soleníssima, celebrada com a presença do Chefe da Nação brasileira e de altos representantes dos Poderes de Estado, dos Senhores Cardeais e Arcebispos e Bispos da Igreja que educou o Brasil, dos ilustres membros do Corpo Diplomático (o que significa de algum modo a das nações do mundo), dos artistas que conceberam a Nova Capital e dos operários que a construíram, enfim, do povo brasileiro que está aqui com o espírito e o coração,

— esta Missa celebrada quatrocentos e sessenta anos depois daquela primeira, na terra virgem, quando foi anunciado, com cânticos de aleluia, numa manhã pascal, que o Brasil nasceria,

— esta Missa celebrada pelo Legado do Chefe da Cristandade e Pai de todos os povos, no momento em que Brasília começa a ser oficialmente a capital da República dos Estados Unidos do Brasil,

— esta Missa é como a sagração do Brasil Novo pelo próprio Cristo.

Senhor presidente, no dia da fundação de Brasília, V. Exa. exclamou: "este é o dia do Brasil Novo". Fazendo eco à Sua palavra, creio poder continuar e concluir: "O Brasil Novo nasceu".

Continua a história do Brasil. Terra de Vera Cruz se chamou. E foi com o sinal da redenção do homem, cujo nome é o mesmo nome do Brasil, que Brasília foi levantada. Não afirmou o seu arrojado planeador que a base da concepção da cidade foi o "próprio Sinal da Cruz?"

E' o sinal da civilização cristã. E os votos do Papa são que ela atinja no Brasil tal esplendor, que refulja e brilhe para o mundo todo.

Civilização cristã (ou civilizações cristãs) será aquela em que viceje e floresça o

Evangelho. Certo escritor, de língua alemã, que tentou descrever as raízes de nossa civilização, não receia afirmar que o Cristianismo na história significa uma criação nova do homem. Não disse mais tarde o filósofo francês Bergson, o qual partiu do positivismo mais rigoroso até à descoberta da Igreja cristã, que tudo aquilo que de mais nobre e belo, desde há dois mil anos fôra produzido, nascera daquela origem?

O Sinal da Cruz sôbre o qual se eleva Brasília é o sinal do homem novo e da civilização nova (sempre a nascer no tempo e no espaço); é o sinal do sacrifício redentor, da salvação, da vida e da ressurreição, da fé, da esperança e da caridade; é o sinal de que a história tem sentido, de que Deus é Amor, de que o homem transcende as dimensões do universo, de que o Evangelho é a carta aberta do segredo de Deus e do homem; é o sinal de que a humildade vence o orgulho, o amor vence o ódio, a esperança vence a dúvida, a graça vence o pecado, a fé vence a morte, a doçura vence a dureza, a liberdade vence a escravidão, a paz vence a guerra — é o sinal do Brasil cristão, que foi levantado quando o Brasil nasceu e ali está ainda sôbre o altar.

Está o Brasil habituado às audácias da Fé e da Esperança. O padre Antônio Vieira não se atreveu a querer "converter" o próprio Deus, no célebre sermão de 1640 na Bahia? "Como a causa, Senhor, justificava êle, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e glória e pelo crédito do vosso nome, "propter nomen tuum" — de tal não teve escrupulo.

A tanto o autorizava o exemplo dos profetas, Daniel achava vagaroso o Senhor (e outro ousava até perguntar-lhe: "Por que dormes?") ao despachar as suas súplicas. E a razão da sua impaciente confiança era que "o Seu divino Nome fôra invocado sôbre a cidade e sôbre o seu povo".

Isto se realiza aqui, "neste sítio que é o coração do Brasil" para me servir da própria expressão de Sua Exa., o presidente do Brasil, no dia 3 de maio de 1957.

E quem aqui invoca hoje, sôbre esta Capital e sôbre o povo brasileiro, o Nome bendito de Deus e lhe roga que os guarde a sua Providência (pois está escrito, "se Deus guardar a cidade, em vão trabalham aqueles que o guardam") — através do Seu Legado o próprio Vigário d'Aquele que tem todo o poder no céu e na terra e Lhe entregou as chaves do seu Reino".



## bênção papal

Foi esta a oração de Sua Santidade, o Papa João XXIII :

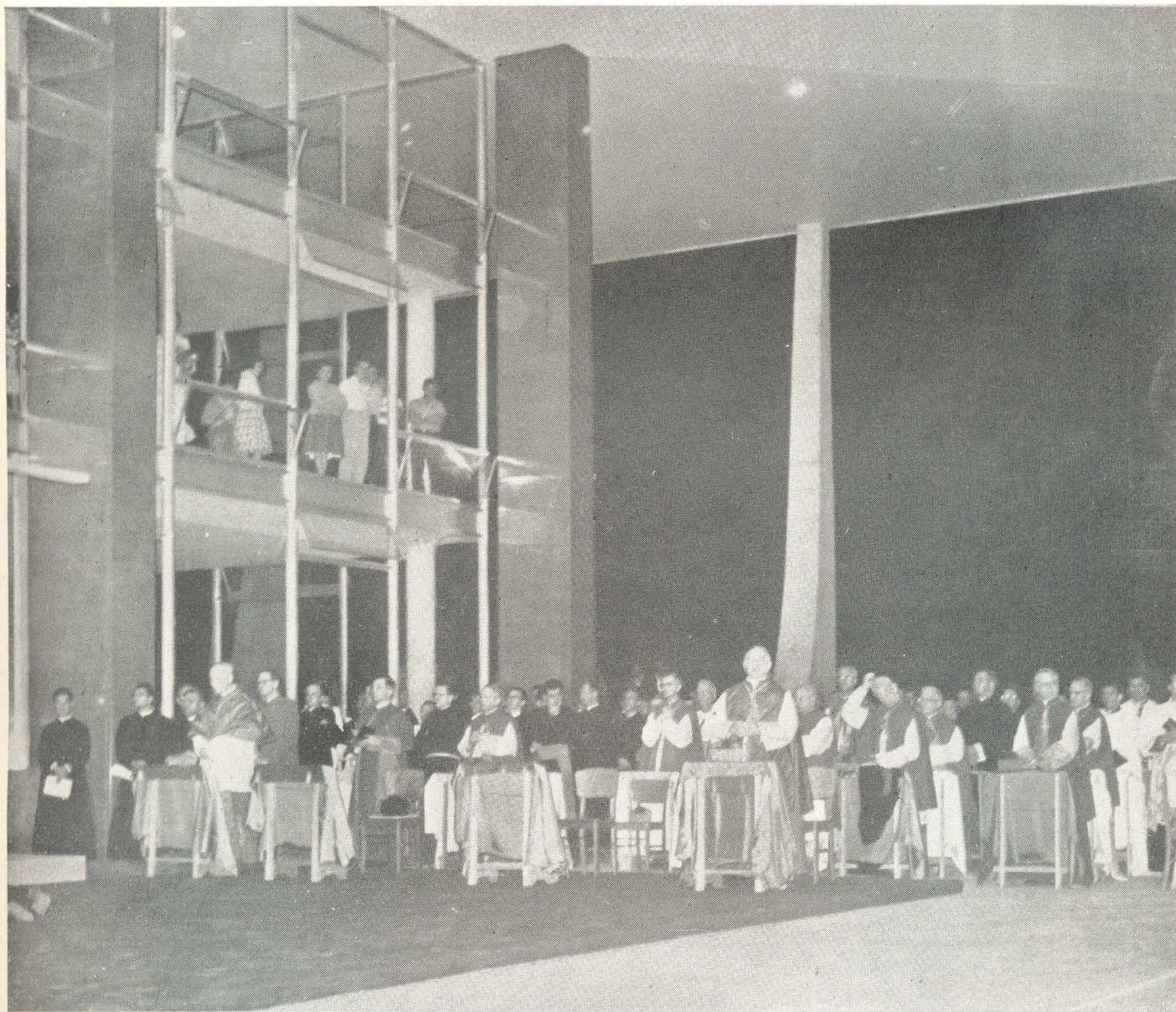
“Aos queridos filhos do grande e nobre Brasil :

E' com o maior júbilo para o nosso coração de pai comum que aproveitamos a oportunidade da inauguração da Nova Capital do Brasil para dirigirmos ao seu laborioso e generoso povo a nossa palavra de bênção e augúrio. Muito nos agrada saber que em tão solenes celebrações, em que tomamos parte na pessoa do nosso Legado, sobressaem essas cerimônias de caráter religioso para invocar de Deus novas bênçãos e favores sôbre a Nação in-

teira. Da Bahia de Todos os Santos a Piratininga e ao Rio de Janeiro, sob o impulso do exemplo sempre vivo de Nóbrega e Anchieta, e encorajado pelas proezas heróicas das Bandeiras do Sul e das jornadas do Norte, o Brasil, pelo arrôjo do seu Presidente, assenta os arraiais da sua Nova Capital no Planalto Central do seu imenso e rico território, qual virgem atalaia sôbre os Destinos da Nação. Brasília há de constituir assim um marco na história já gloriosa da Terra de Santa Cruz, abrindo novos surtos de amor, de esperança e de progresso entre as suas gentes que, unidas na mesma fé e língua, tornar-se-ão aptas aos maiores cometimentos. Pedimos a Deus que, continuando a der-

ramar em abundância as suas graças, faça do Brasil uma Nação cada vez mais forte, grande e livre, à luz do Evangelho e dos ensinamentos da Igreja, contra tudo aquilo que lhe pode minar a fôrça, comprometendo-lhe a grandeza, e diminuir a liberdade. Com êstes sentimentos e votos ao querido povo brasileiro, hoje espiritualmente reunido com o seu Episcopado e Clero, e, particularmente, ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República e a tôdas as autoridades, bem como aos técnicos e operários que contribuíram com as suas canseiras para a realização de tão grandiosa obra, concedemos, de todo o coração, a nossa especial “Bênção Apostólica”.

Momento em que era celebrada a missa da inauguração, vendo-se ao centro o enviado do SS. o Papa, e à esquerda o Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota (F. Manchete).





## ave, Brasília!

D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota,  
Cardeal-Arcebispo de São Paulo

Graças e louvores elevemos a Deus todos nós brasileiros, que estamos vivendo esta hora máxima da história pátria, quando se inaugura a nova e prodigiosa cidade metropolitana nacional — Brasília.

Brasília e o Monumento do Ipiranga e a Estátua de Cristo no Corcovado constituem, agora, os três sublimados símbolos do Brasil.

Um comemora a nossa libertação espiritual.

Outro, a nossa libertação política.

Outro, a nossa libertação econômica e a nossa maioridade internacional.

Brasília é a Capital central e centralizadora, de concepção e de construção genuinamente nativas, gigantesco centro de convergência e de irradiação da vida do país. Capital nacional, e nacionalista, no bom sentido do termo.

O simples fato da instalação de Brasília já propicia a tão esperada cintilação de mais uma fulgurante estrêla no céu da bandeira brasileira — o Estado da Guanabara, maravilhosa. . .

E com o advento de Brasília, e por causa de Brasília, todo o imenso território pátrio, qual se tangido por mãos de fada, já se vê cruzado por formidáveis estradas e, outrossim, os céus dos nossos sertões enxameados e listrados de tantas e tão possantes aeronaves.

Tudo isso, prenúncio de uma vida nova, de uma idade nova; tudo isso, promessa segura e esperança certa de melhores tempos para os nossos irmãos do Nordeste, do Norte e do Oeste, muito especialmente.

“Tal dia é o batizado” — esta era a senha dos Inconfidentes chefiados por Tiradentes; por Tiradentes, cujo heroísmo patriótico tingiu na púrpura do seu sangue as páginas da história da independência nacional; por Tiradentes, cujo aniversário do sacrifício supremo da vida, foi, por feliz inspiração, escolhido pelo Exmo. senhor Presidente da República, na inauguração de Brasília.

Hoje não é somente o dia do registro civil, oficial, do nascimento de Brasília. E’ também o dia do seu batizado cristão.

Pois inaugura-se também, hoje, a Arquidiocese de Brasília, sob o patrocínio de Nossa Senhora Aparecida e sob o nome de “Arquidiocese Brasípolitana de Nossa Senhora Aparecida”, criada que foi pela bula pontifícia “Quandoquidem Nullum”, de 16 de janeiro deste ano, e com o seu primeiro Arcebispo, Exmo. Senhor D. José Newton de Almeida Batista.

Do Divino Mestre aprendemos que se deve “dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César”.

Assim, depois de rendermos à divina Providência o tributo eucarístico do nosso reconhecimento, devemos significar também ao Exmo. Senhor Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, o testemunho da nossa gratidão: isto é, a gratidão do Brasil eclesiástico, do Brasil católico; pois que o Brasil civil já se pronunciou assás, pelo parlamento, pela imprensa, pelo rádio, pela tribuna pública.

Eis por que, na qualidade de quem foi o celebrante da primeira Missa em Brasília, na qualidade de decano do Episcopado brasileiro e na qualidade de administrador apostólico da Arquidiocese e da Basílica Nacional de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira do Brasil, tomo a liberdade e a iniciativa de, em no-

me da Santa Igreja e da cristandade do Brasil, exarar, nas páginas da revista “Brasília”, esta mensagem de aplauso, de agradecimento, de congratulação e de abençoamento ao benemérito Chefe do Governo. Sua Excelência está gloriosamente e pacificamente vitorioso. E a pátria também. E essa vitória, garantida pelas bênçãos de Deus e pela solidariedade do povo brasileiro, em autêntico plebiscito nacional. Aliás, os carismas do Céu e a solidariedade maternal da Igreja vêm assistindo Brasília, constantemente.

Desde os vaticínios de Dom Bosco, há 77 anos.

Desde o voto unânime dos Bispos do Brasil, na Terceira Conferência Nacional, realizada na cidade de Serra Negra, em novembro de 1956, para que Nossa Senhora Aparecida fôsse a Padroeira da nova capital Federal. Desde a primeira missa, no dia 3 de maio de 1957, quando a Imagem da Padroeira, após visitar tôdas as Capitais — Federal e Estaduais do país, esteve entronizada no altar da primeira Missa e entronizada ficou no altar-mor da sua primeira igreja em Brasília, tendo sido doada pela Cidade de São Paulo.

Desde quando o Exmo. Senhor Arcebispo de Goiânia, D. Fernando Gomes dos Santos, iniciou, em março de 1957, a organização da vida religiosa da nova capital.

Desde aquêle dia de visita coletiva dos Bispos a Brasília, por ocasião da Quarta reunião da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

E, finalmente, agora, quando o Santo Padre João XXIII, no auge do seu carinho para com o Brasil e para com Brasília, manda uma grande fotografia sua ao Exmo. Senhor Presidente Juscelino e, na dedicação, declara:

“Como testemunho da minha paternal afeição pelo Brasil, ao ensejo da inauguração da nova Capital — Brasília”.

Agora, quando o Sumo Pontífice nos envia o seu Legado, na pessoa eminentíssima e queridíssima do Senhor Cardeal Patriarca, D. Manoel Gonçalves Cerejeira.

O senhor Presidente Juscelino soube corresponder à missão ingente que Deus lhe confiou, para o maior bem do Brasil. Com fé, com inteligência, com vontade resoluta e com energia serena, meteu ombros à empresa hercúlea. E eis que, em três anos, se transmutou em fato histórico o sonho de há dois séculos — a interiorização da Capital.

E na vida nacional, a estática da ordem sublimar-se-á na dinâmica do progresso.

Disse muito bem o Dr. Peixoto da Silveira, quando escreveu, em “A Nova Capital” que “enfim, um grande administrador encontrou o grande ideal da mudança da capital. E o grande ideal, por fim, seu grande realizador”.

Com a inauguração de Brasília, hoje — 21 de abril de 1960 — estamos encerrando a primeira parte da História Pátria: “Antes de Brasília”. E estamos iniciando a segunda parte: “Depois de Brasília”.

Começa a história do Brasil do Planalto, em substituição à história do Brasil do Litoral.

No Planalto, vão concretizar-se os altos planos da integração da Pátria consigo mesma.

No Planalto, vamos respirar um ar oxigenado, ozonizado e livre do odor das maresias.

No Planalto, vamos ficar mais perto do



de do  
"Bra-  
agra-  
aben-  
vêrno.  
paci-  
mbém.  
ãos de  
o bra-  
onal.  
rieda-  
o Bra-  
co, há  
o Bra-  
l, rea-  
m no-  
enhora  
a capi-  
sa, no  
naagem  
Capi-  
estêve  
lissa e  
ua pri-  
doada  
ebispo  
os San-  
organi-  
bital.  
va dos  
Quarta  
os Bis-  
nto Pa-  
carinho  
a, man-  
Exmo.  
dedica-  
paternal  
augura-  
s envia  
ssima e  
triarca,  
be cor-  
eus lhe  
l. Com  
resoluta  
bros à  
s anos,  
sonho  
ção da  
ordem  
esso.  
la Sil-  
ra Ca-  
ministra-  
dança  
n, seu  
- 21  
ndo a  
"Antes  
segun-  
malto,  
sil do  
altos  
onsigo  
oxige-  
ma-  
o do

céu, mais para junto de Deus, mais acésíveis às bênçãos celestiais.

Brasília é o zênite, é o solstício do Brasil: é a Nação no seu apogeu. Se a Páscoa de 1500 foi, para Portugal, um jubileu, nunca dantes imaginação, pela revelação de Vera Cruz, esta Páscoa de 1960 é de aleluias infindas para o Brasil, pela apresentação de Brasília aos olhos do mundo livre. E podemos repetir o estribilho de um poeta mineiro:

"Deus, bondoso, no trono mais alto,  
Ao fitar nossa terra gentil,  
Fêz Brasília surgir, no planalto,  
Para ser Capital do Brasil".

E, para fechar "com chave de ouro", redigimos a ardente súplica do senhor Presidente Juscelino, proferida a três de maio de 1957: "que Nossa Senhora Aparecida,

Padroeira do Brasil e Madrinha de Brasília, vele por esta cidade que surge, resguarde os que a vierem habitar, volva os olhos benignos para os homens públicos que daqui deverão dirigir esta Nação, a fim de que eles honrem os nossos maiores e sirvam condignamente às gerações futuras".

E, ainda, as palavras que, de próprio punho, escreveu o Santo Padre João XXIII para Brasília, ao pé do seu retrato ofertado:

"Lauda, Brasília, Dominum: lauda Deum tuum".

"Brasília, canta louvores ao Senhor, canta louvores ao teu Deus".

E nós, brasileiros, acolitando o nosso Padre Santo, repitamos em côro uníssono: Aleluia! Aleluia! Aleluia!

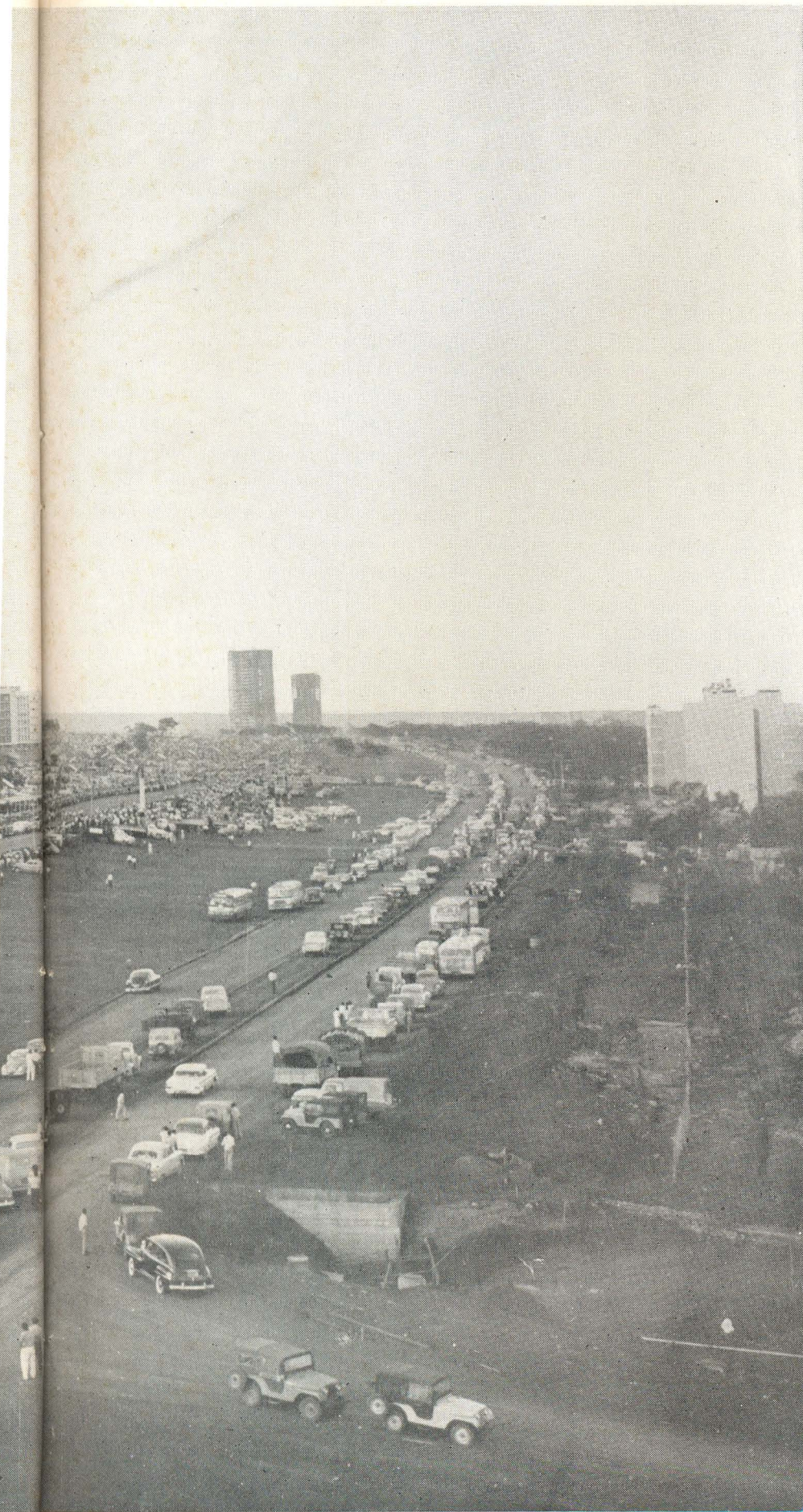
O Cardeal-Arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, entusiasta de Brasília. (F. Fadul).











Esplêndida vista panorâmica do Eixo Rodoviário Sul, vendo-se um dos aviões da esquadrilha da fumaça. (F. Manchete).





O Presidente e Vice-presidente da República assistem à missa celebrada pelo Cardeal, Patriarca, D. Manoel Gonçalves Cerejeira. (F. Manchete).

Aspecto da multidão, que assistiu à inauguração da nova capital, na Praça dos Três Poderes. (F. Manchete).







O Presidente Kubitschek, vice-presidente João Goulart o Ministro da Justiça, Sr. Armando Falcão, o Dr. Israel Pinheiro, Presidente da Novacap e demais autoridades, sobem a rampa do Palácio do Congresso Nacional (F. Manchete).



A sessão solene da instalação do Congresso Nacional em Brasília. (F. Manchete).



O Ministério reunido, no Palácio do Planalto. (F. Manchete).





O Presidente da Novacap, Dr. Israel Pinheiro, acompanhado dos Diretores Drs. Ernesto Silva e Moacyr Gomes de Souza encabeçam o desfile dos construtores de Brasília. (F. Manchete).



O desfile dos operários. (F. Manchete).



Aspecto da recepção oferecida pelo Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, no Palácio do Planalto. (F. Manchete).



ael Pi-  
s Drs.  
Souza  
res de

te).

Inauguração do Centro de Reabilitação Sara Kubitschek. (F. Manchete).



lo Dr.  
no Pa-

Corrida de veleiros no lago de Brasília. (F. Manchete).



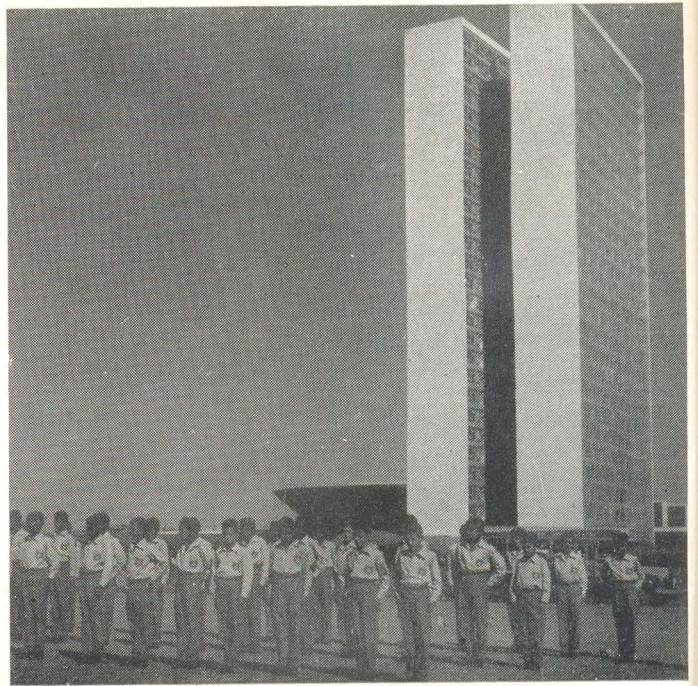
Inauguração do cinema da unidade de vizinhança. (F. Manchete).





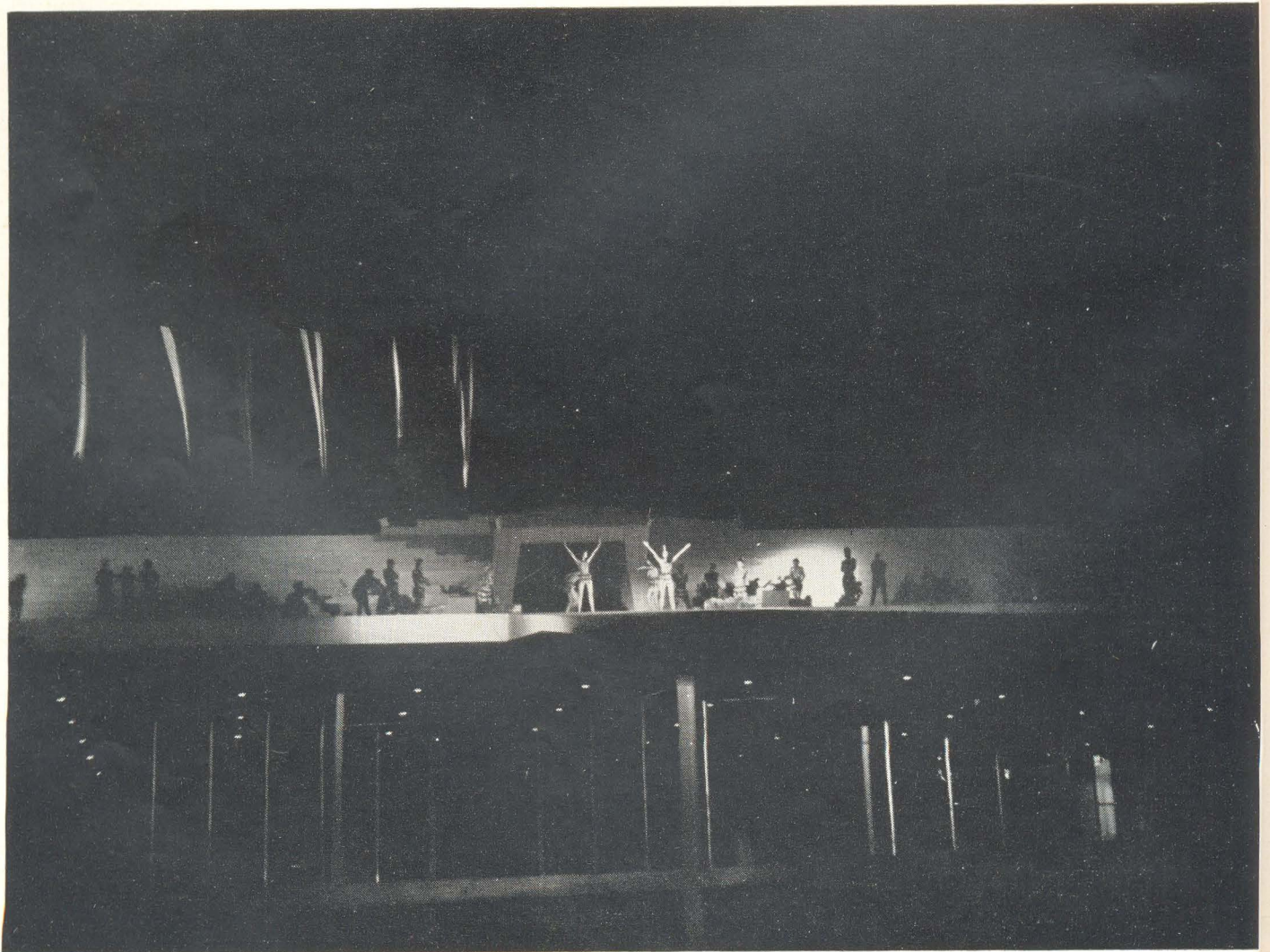


Corrida de carros no Eixo Rodoviário  
(F. Fadul).



A escola industrial de Taguatinga formada na Praça dos Três Poderes (F. Fadul).

Espectáculo teatral apresentado na Praça dos Três Poderes. (F. Fadul).





## hoje Brasília existe

Prof. João Gualberto Lopes

No painel exuberante da natureza creada por Deus, na multidão dos seres materiais que nos rodeiam, nada fica inútil: o grão de areia, a gota d'água, a folha morta, o raio de sol: tudo são parcelas de uma grande soma que é a vida.

Também, na feitura das artes, todo e qualquer elemento, por mais humilde e insignificante que seja, tem sua utilidade. Por este motivo vós me tendes aqui neste local a ocupar, por momentos, a vossa prestigiosa atenção. Não me trazem aqui os ventos da vaidade estulta; venho, tão somente, impellido pela onda vitoriosa de brasilidade que, hoje, invade o nosso País; venho trazer ao grêmio Literário e Esportivo Sete de Setembro do Ginásio Brasil uma contribuição — que não é feita de gemas literárias como as que, há pouco, foram joradas daqui sobre as vossas cabeças pelo verbo brilhante e eloquente dos oradores que me precederam — mas, trago a contribuição da minha inexpressiva e humílima palavra, uma ínfima parcela, um grão de areia! para juntar a este todo, a esta magnífica solenidade cívica, com a qual os alunos do Ginásio Brasil encerram os festejos que marcam a participação de Ervália, na celebração de Brasília.

Brasília! ontem esta palavra trazia à nossa mente a imagem do inconcebível, a chancela do irrealizável, a marca das aspirações utópicas; Brasília! ontem um sonho! uma alucinação de visionários! Tão impalpável, tão inconcebível que nem mesmo Júlio Verne a imaginara! Brasília! uma visão fantasmagórica, um momento, talvez, de inspiração poética!

Porque Brasília? Para que desejar Brasília?! E' o mesmo que desejar que se emergja das profundezas oceânicas a lendária e fabuloso Atlântida!

Brasília! ontem uma quimera! um sonho! Sonho primeiro dos inconfidentes; que mancharam de sangue a Bandeira Martir do "Libertas Quae Sera Tamen"! Sonho que sobressalta tôdas as noites das administrações brasileiras desde os tempos memoráveis da desditosa Bandeira de Tiradentes.

Mas, minhas senhoras e meus senhores, um dia este sonho paira sobre a cabeça de um homem, de um homem que não acredita em sonho como sonho! e este homem se transporta até o local de onde emanava aquela fumaça, aquela nebulosa que era Brasília. Contempla sua paisagem, descortina seu panorama em tôdas as direções. Seus olhos não encontram o costumeiro descanso, aquêlê descanso proporcionado pelas colinas das terras montanhosas de onde viera. Sua vista se projeta a um horizonte infinito. Na quietude daquelas paragens o homem sente, sob seus pés, o pulsar daquela terra virgem:

E talvez, quem sabe? a voz do sangue protomartir da Independência procurara naquelas plagas o encontro com o seu Ideal! O homem das Alterosas medita por momentos, e de sua boca saem estas maravilhosas e admiráveis palavras: "Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará no cérebro das altas decisões nacionais, lanço os meus olhos sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

Estas palavras proferidas por S. Exa. o Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, em outubro de 1956, foram o toque mágico que liberou o potencial latente dos brasileiros, dinamizou sua capacidade realizadora, agrupou e sincronizou, num compasso vibrante, tôdas suas forças e nos deu como resultante a maravilhosa Brasília! Ontem um sonho, hoje uma realidade! Brasília feita de concreto; de cimento, ferro e areia temperados com o suor dos candangos. Feita com sacrifício, e por isso mesmo, predestinada a cumprir com sucesso a finalidade para que foi feita: caminho da integração geográfica, social e econômica; sobretudo caminho da integração patriótica do povo brasileiro. Brasília é o marco inicial da "Marcha para o Oeste": o ideal de um dos maiores estadistas brasileiros. "Deste planalto central antevejo uma alvorada"... disse o Presidente J.K. A alvorada brasileira começa hoje com Brasília, a nova Capital do Brasil! Agora sim! nosso país tem seu coração no lugar certo! Um coração que propulsionará o sangue do progresso, através das suas colossais artérias, a todos os quadrantes do território Brasileiro.

Hoje Brasília existe! A hora das discussões é passada! Brasília é ponto pacífico. E' uma verdade inquestionável.

Resta aos brasileiros festejar o acontecimento; é o que se faz hoje. Há uma verdadeira sinfonia de civismo em todo o território Brasileiro! E' a alma do povo brasileiro que vibra à evocação cadente da sua tradição de liberdade, na sua vocação democrática.

Também aqui na nossa pequenina Ervália soaram os acordes de civismo. Sob a liderança do Grêmio Sete de Setembro, essa entusiástica associação dos alunos do Ginásio Brasil, a alma Ervalense mostrou também ser brasileira. Celebrou condignamente, desde o amanhecer, a inauguração da nova Capital do Brasil.

Todos os caminhos levam a Brasília.

Tenho dito.

(Discurso proferido pelo Prof. João Gualberto Lopes, no "Grêmio Literário Sete de Setembro", em 21-4-60).



## “prece natalícia de brasilía”

E’ o seguinte o texto da “Prece Natalícia de Brasília”, lida no dia 21, às doze horas e trinta minutos, pelo seu autor, académico Guilherme de Almeida, defronte do marco histórico da cidade, na presença do presidente Juscelino Kubitschek:

Agora e aqui é a Encruzilhada Tempo-Espaço,  
Caminho que vem do Passado e vai ao Futuro;  
caminho do Norte, do Sul, do Leste e do Oeste;  
caminho de ao longo dos séculos,  
caminho de ao longo do mundo :  
– agora e aqui todos se cruzam  
pelo sinal da Santa Cruz.

Ave, Cruz; Tanta cruz pelos caminhos,  
através tanto tempo e tanto espaço;  
Deus de braços abertos para os homens,  
do broquel dos Cruzados estampou-se,  
potentéia, de goles e vazada,  
no velame das naus da Descoberta.  
Do Restelo veio ela ao Mar Ignoto  
e, seguindo “por este mar de longo”,  
na passagem de linha, à noite, quando  
mergulhou no horizonte e Tramontana,  
o céu de lua-nova persignou-se  
no Cruzeiro do Sul de Mestre João.  
Vera Cruz, Santa Cruz – Chamou-se a terra  
achada e “em tal maneira graciosa”  
que deu árvore sua à cruz chantada  
para a missa, e que foi padrão de posse,  
armoriada de quinas e castelos.  
Crucifixo foi a arma que, nas selvas,  
contra as flechas ervadas empunharam  
“Ad maiorem Dei gloriam” as missoes.  
Signo heróico daquêles que partiam  
do cruzeiro dos adros aos sertões,  
foi o gesto, na gesta das Bandeiras  
do que elevou a mão para benzer-se  
e levou-a depois à cruz da espada.  
Presidiu o amoroso cruzamento  
dos três sangues que as rêdes e as esteiras  
conchegaram nas ócas e senzalas.  
Subiu a um cadafalso de ignominia  
para o beijo final de um sonhador.  
sôbre a esfera-armilar de uma coroa  
e no centro estelar de uma bandeira  
foi o fulcro supremo do poder.  
E da intersecção de auroras e poentes  
– setas em cruz sôbre arcos retesos –  
partiram os dias, partiram as noites,  
cruzaram os ares, cruzaram as terras,  
por séculos e anos e luas e...  
...E, um dia augural,  
num alvo papel pregado à prancheta  
a cruz sempiterna pousou sua sombra  
e – um traço, outro traço –  
“do gesto primário de quem assinala um lugar”  
dois riscos cortando-se em ângulo reto, e, pois, de uma cruz  
naceste, Brasília!  
E, sublimação do “gesto primário”,  
ponto de encontro das fundas raízes do Tempo e do Espaço,  
emerge da terra em forma de cruz.  
E, porque és Cruz, és Fé; e, porque és Fé, Brasília,  
sôzínho no plaino serás a intangível, a ilêsa :  
na sombra, a teus pés, não se há de tramar  
o tórvo conlúio dos quatro elementos,  
nem contra os teus muros as fúrias adversas prevalecerão.  
Chuva que te inunde,  
vento que te açoite,  
sol que te incendeie,  
bruma que te ofusque,  
astro que te agoure,  
raio que te toque :  
– tu secarás a chuva,

abaterás o vento,  
apagarás o sol,  
dissiparás a bruma,  
conjurará o astro,  
embotará o raio !

Aí estás, Brasília ! e como estás vivendo  
belamente este instante que é, de todos  
os teus instantes, o eternizador;  
Aí estás, Brasília ! E, como estás, pareces  
ave de asas abertas sôbre a terra :  
vão pousado para alçar-se, altivo !  
Aí estás, Brasília do olhar de menina ! Menina-dos-olhos  
olhando sem mágua o Passado e sem mêdo o Futuro,  
sem vêr horizontes na terra e no céu porque êles recuam  
ao impacto impetuoso das tuas pupilas;  
com teu meridiano que foi Tordesilhas :  
corda torcida que os teus ancestrais distenderam  
para que aos quatro ventos soltasse agora o teu gesto de setas  
– és tu, juvenília, “non urbs sed civitas”,  
o centro da Cruz Tempo-Espaço,  
plantada no teu Quadrilátero,  
com suas quatro hastes que são quatro séculos,  
e são quatro pontos cardiais,  
e são quatro ciclos de ação :  
o da Descoberta, o do Bandeirismo,  
o da Independência e o da Integração.  
Feita do fluxo e refluxo das fôrças que dão o poder,  
centrípetas para tornar-se centrífuga,  
Brasília, é a tua Cruz da Quarta Dimensão, e Tetragrama  
do Milagre Novíssimo que és tu;  
a que dirá “Presente !”, impávida, ao chamado  
do fasto e do nefasto; a que é o Marco Zero  
das vias tôdas, da mais ínvia à mais viável;  
o ímã para a limalha de aço do Trabalho;  
a ponta do compasso autor da Equidistância;  
Brasília, a tua Cruz que é Presépio também  
e a cujos pés a ti, no teu Natal, rogamos :  
– Barca de esperança,  
Carta de marear,  
Rosa-dos-ventos,  
Vela de conquista,  
Figura de prôa,  
Bandeira de pôpa,  
Tôrre de comando,  
Estrêla do mareante,  
Pôrto de destino,  
Âncora de firmeza,  
Portal do sertão  
Corda de arco,  
Ferpe de flecha,  
Doutrina da taba,  
Foíce de desbravamento,  
Clareira na selva,  
Clarínada no êrmo,  
Bateaia de garimpo,  
Diadema de esmeraldas,  
Crizol de raças,  
Ara de liberdade,  
Trono de império,  
Barrete frígio,  
Toque de alvorada,  
Meta das metas :

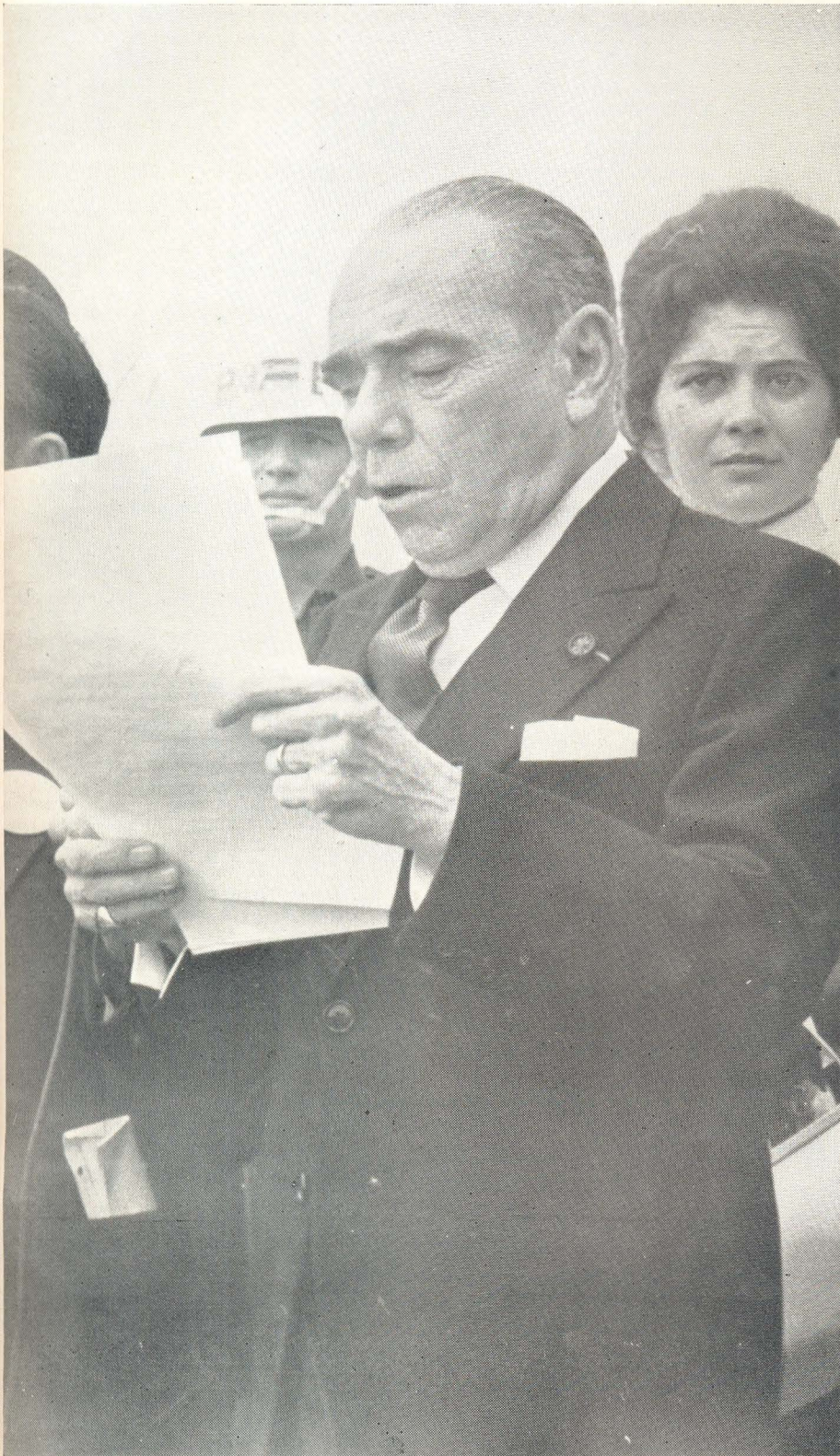
– Vive por nós !

Guilherme de Almeida

Ano I, dia 1.º de Brasília



O poeta Guilherme de Almeida declamando seu poema comemorativo da inauguração. (F. Fadul).



## brasília

Da Costa Santos

Dormias no silêncio  
perturbado da noite  
sob voz de pássaros  
e gemido de feras,  
assombrações de ermos  
e acordes na alvorada  
tisonada de sangue.

Todos os cérebros  
se armaram de idéias  
e os braços agiram  
com a força total  
do grande Moisés.  
Braços de operários  
de humilde suor,  
braços de poetas  
de músicos e pintores,  
do Príncipe de Aparecida  
que, amparado na Fé,  
deu forças ao gigante  
para o Mor Arquiteto  
que subiu aos céus  
desceu ao solo  
riscando no tempo e no Espaço  
a pauta de luz da Nova Cidade.

Todos os braços vieram com a Aurora,  
para te realizar, sonho antigo dos bons,  
visão de santos  
rebento da Pátria,  
Rosa do Povo florindo no Plano!  
Dormias no silêncio  
perturbado da noite  
sob voz de pássaros  
e gemido de feras,  
assombrações de ermos  
e acordes na alvorada  
tisonada de sangue.



## prefeitura de Brasília

No dia 7 deste, no Salão Nobre do Palácio do Planalto, em presença do presidente Juscelino Kubitschek, o ministro Armando Falcão deu posse ao primeiro prefeito de Brasília, dr. Israel Pinheiro, que vinha exercendo, desde a sua organização, a presidência da Companhia Urbanizadora da Nova Capital. Ao ato estiveram presentes os chefes dos gabinetes Civil e Militar da Presidência, ministros, senadores e deputados, o governador do Estado de Goiás, dr. José Feliciano Ferreira, drs. Moacir Gomes e Souza e Ernesto Silva, diretores da Novacap, além de vários membros do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal da Companhia Urbanizadora, o sr. Martinho Guimarães, presidente da Associação Comercial e representante do Núcleo Bandeirante, e numerosas pessoas.

O dr. Israel Pinheiro chegou acompanhado de sua esposa d. Coracy Pinheiro, sendo recebido com entusiasmo pelos presentes. Pouco depois, o presidente Juscelino Kubitschek, que recebera as credenciais do novo embaixador de Costa Rica, encaminhou-se para o salão, acompanhado de seus auxiliares diretos, tendo início, cerca de 10,30 horas, a solenidade de posse.

O sr. Oswaldo Maia Penido, Chefe da Casa Civil da Presidência, leu o termo de posse, que foi, em seguida, assinado pelo dr. Israel Pinheiro, sob aplausos dos presentes.

Usou da palavra, a seguir, o ministro da Justiça, sr. Armando Falcão, declarando empossado o primeiro prefeito de Brasília. Salientou o orador que a nomeação do dr. Israel Pinheiro para a Prefeitura de Brasília, constitui um ato de justiça e de reconhecimento pelo esforço despendido pelo novo Prefeito à frente da Novacap, na construção de Brasília. Prosseguiu o orador analisando o espírito de desprendimento do dr. Israel Pinheiro, ao renunciar o cargo de Deputado Federal, a fim de auxiliar o Presidente Juscelino Kubitschek na grande obra do século.

Após as palavras do ministro da Justiça o sr. Israel Pinheiro pronunciou o seguinte discurso:

“Ao assumir o cargo de primeiro prefeito de Brasília, voltamos o nosso pensamento para todos os companheiros que nos ajudaram a concluir a primeira etapa da batalha da construção.

Sabemos que todos continuam coesos e empolgados pelo mesmo entusiasmo, pelo mesmo espírito de solidariedade e de renúncias que os conduziu até este ponto crucial da edificação de Brasília.

Se a nova estruturação administrativa nos impôs o afastamento do trato diário com os companheiros de tantos anos, deixando-nos um sincero sentimento de saudade, trouxe-nos contudo mais um motivo de união e de fidelidade ao ideal comum.

Porque o engenheiro Moacyr Gomes e Souza, escolhido para nos substituir, pela sua capacidade, pela sua dedicação e pelo conhecimento que tem dos problemas da construção da Nova Capital, constitui uma garantia da união e da permanência da nossa grande família.

A excepcional distinção com que nos honrou o eminente senhor Presidente da República, e que mereceu a aprovação do Senado Federal, nos estimula a prosseguir com o mesmo entusiasmo no esforço para completar a grande meta governamental. Deputado federal em três legislaturas consecutivas, renunciemos ao mandato em outubro de 1956 para aceitar a pesada responsabilidade de construir Brasília no prazo estabelecido pelo Congresso.

Consideramo-nos nesse particular um delegado da Câmara, egresso do convívio de seus pares, e em missão executiva para concretizar uma antiga aspiração nacional, longamente inscrita nos textos constitucionais.

Depois de três anos e meio verificamos que, mercê de Deus, pudemos dar bom desempenho à tarefa que nos foi confiada. Durante todo esse tempo, jamais deixaram de estar presentes e atuantes na nossa memória as palavras de incentivo e de amizade que nos dedicaram os colegas em 1956.

A fase inicial da batalha de Brasília em que indecisão e adiamento seriam fatais, foi concluída.

Em 21 de abril, conforme estava determinado, o Brasil recebeu a sua nova capital já dotada das condições essenciais à transferência dos três poderes da República.

A Nação tem conhecimento do que foi a luta sem trégua para tornar vitoriosa a meta-síntese do programa governamental. Meta-síntese que condensa na sua magnitude e no seu imponderável significado a grande revolução brasileira.

Vitória que se deve à audácia, à energia e à confiança em ação direta e pessoal do Presidente Juscelino Kubitschek, o grande comandante da batalha.

Revolução, como temos sempre repetido, política, econômica, financeira, social, arquitetônica e urbanística, que está arrancando o país do sub-desenvolvimento para os largos caminhos da integração nacional. Sabemos que a batalha ainda não terminou e que acabamos de entrar na segunda fase, não menos trabalhosa do que a fase inicial.

Tôdas as energias, todos os recursos, tôdas as forças vivas já vitoriosamente experimentadas nos primeiros embates, devem continuar com a mesma flama para que os resultados até agora obtidos não se estiolem na euforia da vitória.

Acabamos de ingressar no período da ação direta do Govêrno, na fase da consolidação das posições conquistadas, da aplicação dos benefícios da civilização.

Pelas estradas de penetração, pela invasão da amazônia através das cabeceiras dos grandes rios, pela abertura dos caminhos do nordeste, pela fixação do homem nas áreas tomadas ao deserto, expandindo e vitalizando o nosso império interior até as fronteiras mortas dos países do oeste.

No que toca a Brasília, resta conservar sem descontinuidade o esforço inicial com a mesma intensidade, o mesmo arrôjo e o mesmo ritmo acelerado de trabalho.

Completando todos os elementos de urbanização e de conforto que são o apanágio do seu Plano Pilôto e transformando o



grande acampamento de Brasília na mais bela cidade do mundo.

No que toca ao Distrito Federal, dentro dos seus 5.800 km<sup>2</sup>, onde tudo está por fazer, cumpre organizá-lo, transformando as extensões vazias em uma grande experiência de intensa atividade agrícola.

Entretanto, como a revolução contra o sub-desenvolvimento determinou novas concepções econômicas e novos estilos de vida, sistemas novos de administração devem ser adotados.

Nosso pensamento nesse sentido é que ao governo do Distrito Federal deve caber exclusivamente a direção e a fiscalização dos serviços cuja execução será contratada ou concedida, reduzidos ao mínimo desta maneira os entraves e as morosidades da burocracia.

Ajustadas as relações entre a Prefeitura e a Novacap e estudado o programa de governo, teremos a oportunidade de submeter ao legislativo, como manda a lei, o plano geral de administração com todos os seus detalhes.

Agradecemos a deferência do comparecimento dos senhores ministros, congressistas, autoridades, companheiros da Novacap e amigos que vieram pessoalmente nos prestigiar.

Ao Senhor Presidente da República, cuja honrosa presença nesta solenidade constitui para nós conforto pelo que pudemos realizar e um grande estímulo para o futuro, queremos afirmar que procuraremos, com a mesma dedicação e empenhando o máximo do nosso esforço, corresponder à sua confiança dentro do mesmo espírito de Brasília".

Em seguida, o presidente Juscelino Kubitschek pronunciou, de improviso, o seguinte discurso :

"Congratulo-me com Brasília pelo ato a que estamos assistindo.

E' nomeado para primeiro prefeito da cidade o dr. Israel Pinheiro. Relembrar, ainda que em traços rápidos, o que foi a sua extraordinária atuação à frente dos trabalhos que deram conclusão a esta cidade, seria impossível. Mas foi de tal maneira positiva, foi de tal ordem decisiva a sua atuação, que hoje o Brasil inteiro, com os olhos voltados para Brasília, vem admirar nesta obra não apenas a construção de uma cidade material, mas um novo centro de civilização que surge no planalto para benefício de todo o País. Para o Brasil representa o começo de uma nova marcha, marcha que nos levará a conquistar êsses milhões de quilômetros quadrados que constituem a inveja de grandes grupos da humanidade e que seriam orgulho de qualquer nação.

Estamos já promovendo, nesta hora, não apenas a nossa consolidação em Brasília, mas para mais adiante, com obras monumentais que virão mostrar ao Brasil que, felizmente, os candangos, que até então eram pejorativamente conhecidos, são realmente titãs de aço, em cuja energia e vontade o Brasil pode confiar sua grande redenção.

Já convocamos quatro mil candangos, levando-os de avião, navio e transporte terrestre, para as florestas que se estendem de Brasília ao Acre. 4.000 homens já estão mergulhados na mais terrível e densas florestas do mundo, abrindo caminho para a integração com a qual sonharam

tantos e tantas gerações de brasileiros. A estrada Brasília-Acre, que ficará concluída êste ano, no maior recorde do mundo - pois que vamos contruí-la através de pântanos, de florestas impenetráveis, de rios os mais caudalosos, estará pronta em dezembro, para marcar mais uma etapa da extraordinária conquista do Oeste.

Estamos abrindo outra estrada, de quase dois mil quilômetros, para Fortaleza, de modo a ligar todo o Nordeste brasileiro a Brasília. E marchamos, agora, na direção da ilha do Bananal. Vamos nos aprofundar verdadeiramente nesse imenso território, e estou certo de que da semente que vamos ali deixar os nossos filhos colherão os maiores e melhores frutos. Travamos uma luta titânica e estou certo de que ela não será interrompida. O Brasil não aceita mais a marcação de passo no mesmo lugar. Ele quer caminhar, quer marchar. E' por isso que as simpatias e os aplausos com que tenho visto coroado o nome do nosso ilustre candidato à Presidência da República, marechal Teixeira Lott, e do nosso candidato a Vice-Presidência, meu companheiro de Governo João Goulart, se dirigem às suas altas virtudes e qualidades, mas, também, têm sentido sôbre o qual não nos devemos esquecer : o sentido de continuidade da luta pelo desenvolvimento. Esta batalha, que está sendo agora travada, ficará esculpida nas páginas da história do Brasil. Israel Pinheiro nesta hora assume a alta missão de Prefeito da Capital da República. E' mais do que justa e merecida a confiança que o Governo lhe tribute diante de todo o País.

Neste momento, devemos também nos congratular com os três Poderes da República, que compreenderam bem o sentido desta obra, aceitaram todos os sacrifícios que se lhe impuseram, deixaram o conforto que tinham na nossa maravilhosa cidade do Rio de Janeiro, para virem se localizar no Planalto Central, e, com a sua energia e com a sua força e devoção, ajudarem a construir esta imensa Nação. Congratulo-me, pois, com o dr. Israel Pinheiro, pela sua nomeação, e estou certo de que o esforço fabuloso que êle pôs na construção de Brasília será desdobrado agora na consolidação das suas obras, na organização da sua administração, para que de fato possamos realizar aquela maravilhosa sentença de Malraux, quando aqui declarou : "Brasília é, de certo modo, no seu gigantesco planalto, a Acrópole no seu rochedo". Êste é o sentido civilizador de Brasília. Estamos certos de que as suas irradiações cobrirão o imenso território brasileiro. A você, Israel Pinheiro, a todos os companheiros da Novacap, ao seu substituto, Moacyr Gomes e Souza, que vai agora empunhar o mesmo cetro para derubar as últimas dificuldades e concluir a paisagem maravilhosa de Brasília, o meu abraço, certo de que os próximos nove meses, que muita gente imaginava fôssem de repouso para nós, serão, ainda, outras duras e penosas marchas na realização do supremo ideal que nos empolgou, para a grandeza e a prosperidade do Brasil".

Na mesma data, foram nomeados, pelo prefeito Israel Pinheiro, o dr. Moacyr Gomes e Souza, para presidente da Novacap; os drs. Pery Rocha França e Carlos Martins Teixeira respectivamente diretor e membro do Conselho de Administração da Novacap.



# êstes construíram Brasília

Com o título acima, publicamos em nossa edição especial de 21-4-60, número 40, a relação nominal dos funcionários que contribuíram diretamente na construção de Brasília, fornecida pela Divisão do Pessoal da Novacap.

Mas como houve senões, omissões, lapsos e quejandos, independentes de nossa vontade e de nosso conhecimento, temos o máximo prazer de, nesta edição comemorativa da mudança da capital federal, saná-los à medida do possível e à luz dos fatos e dos conhecimentos, na certeza de uma boa e absoluta acolhida, porque tudo fizemos no intuito de deixar, para a história e para a posteridade, um registro insuspeito, correto e acertado.

Aqui nossa retificação e nossa ratificação :

## Departamento de Compras

Escritório do Rio de Janeiro

Chefe : João Fernandes Filho

(Ex-chefe da Divisão do Material, a quem muito devemos pela aquisição rápida de todo o material necessário para a impressão dos números 40 e 41 desta revista).

## Departamento de Viação e Obras

Divisão de Construção e Pavimentação

Chefe : Atahualpa Schmitz da Silva Prego

Divisão de Estradas de Ferro

Chefe : Marcos Valdetaro da Fonseca

Divisão de Estudos e Planejamentos

Chefe : Jofre Mozart Parada

Divisão de Obras

Chefe : Vicente Paulo Lopes

## Departamento de Transportes e Comunicações

Divisão de Transportes

Chefe : Benjamin Jacob

Divisão de Comunicações e Transportes Aéreos

Chefe : Orlando Gaglionone

Serviço Rodoviário :

Chefe : Vivalde Lyrio

Serviço de Transportes e Comunicações de Cargas Aéreas

Chefe : Arnaldo Luiz Rossi

## Departamento de Águas e Esgotos

Divisão de Águas

Chefe : Cornélio Pimenta da Rocha

Divisão de Esgotos

Chefe : Gerson Spindola Carneiro

## Departamento de Fôrça e Luz

Divisão de Produção e Transmissão

Chefe : Michel Jean Maurice Vicent

Divisão de Distribuição e Consumo

Chefe : Paulo Levenhagen Mello

## Departamento de Urbanismo e Arquitetura

Divisão de Arquitetura

Chefe : Nauro Jorge Esteves

Divisão de Urbanismo

Chefe : Augusto Guimarães Filho

Divisão de Fiscalização

Chefe : Sabino Machado Barroso

Divisão de Cálculo

Chefe : Joaquim Cardoso

Divisão de Instalações

Chefe : Setímio Narciso

Divisão de Administração

Chefe : Walter Souza Ribeiro

## Departamento de Educação e Difusão Cultural

Divisão de Folclore e Certames

Chefe : Alfredo José da Cunha Ribeiro

Divisão de Ensino Industrial

Chefe : Antônio de Neiva Moreira Filho

## Departamento de Organização e Administração Municipal

Divisão de Topografia Urbana

Chefe : Nilton Jacinto de Almeida

Divisão de Administração

Chefe : Celso Paggy

Divisão de Obras Públicas

Chefe : Inácio de Lima Ferreira

## Departamento de Edificações

1.<sup>a</sup> Divisão de Obras

Chefe : Marivalde de Matos

3.<sup>a</sup> Divisão de Obras

Chefe : José Lafaiete Silviano do Prado

3.<sup>a</sup> Divisão de Obras

Chefe : Carlos Magalhães da Silveira

4.<sup>a</sup> Divisão de Obras

Chefe : Eloísio Ribeiro de Souza

5.<sup>a</sup> Divisão de Obras

Chefe : José Brasil Colares

Divisão de Contrôles e Obras

Chefe : Sílvio Carlos Pimenta

Jaguaribe

## Departamento Geral de Contabilidade

Divisão de Apuração e Custos

Chefe : Jorge Campos Rivers

Divisão de Contabilidade

Chefe : Walter Machado

Divisão de Processamento de Contas

Chefe : José Carlos Giovanini

Divisão do Patrimônio

Chefe : Antônio Bernardino Sá

Divisão de Documentação e Estatística

Chefe : José Wagner do Amaral

## Departamento Imobiliário

Divisão de Contratos

Chefe : Agnelo Paz Sobreira

## Nomes Omitidos

Dalva Mendonça Ribeiro

José Amador Cordeiro

Moacyr Tomaz Coelho

Renato Mendonça Júnior

Oswaldo Gonçalves Gomes

Oswaldo Apolônio dos Santos

Eliseu Crispiano dos Santos

## Escritórios Regionais

Rio de Janeiro

Chefe : José Pereira de Faria

São Paulo

Chefe : Ernesto de Freitas Netto

Belo Horizonte

Chefe : Renato Viana Martins

Recife

Chefe : Walter Lima

Pôrto Alegre

Chefe : Gender Wang

Curitiba

Chefe : Paulo Roberto Delduque de

Paiva

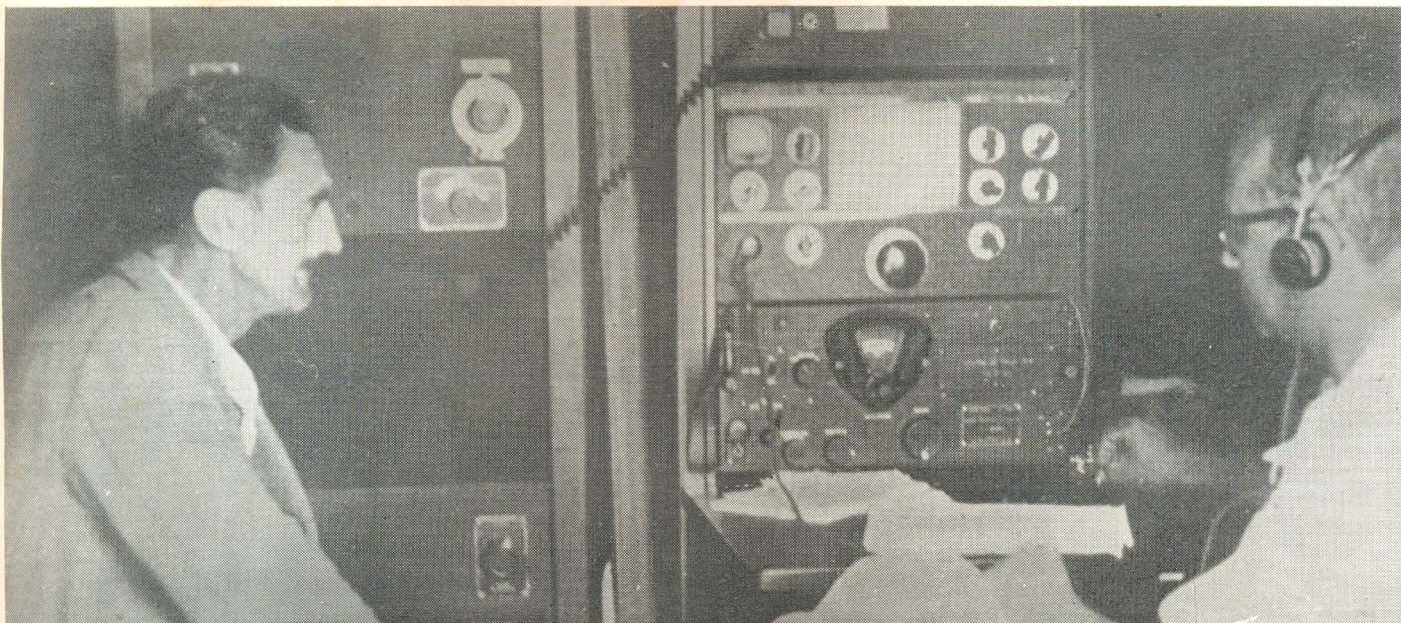
Goiania

Chefe : Arnaldo Corrêa Rabelo

Anápolis

Chefe : Mauro Marques





## estação de rádio da panair do brasil

A história costuma recolher os fatos.

O primeiro avião comercial a pousar em Brasília, foi o DC-3 da Panair do Brasil, de prefixo PP-PCL, em 28-10-56, comandado por Paulo Novais de Souza Gomes, piloto Raymundo Andrade e rádio-operador José Ávila Gomes.

Seguia a bordo PP-PCL uma estação de rádio, que a Panair, colaborando com a Novacap, mandou instalar na então futura capital para servir de comunicação entre a Novacap e o govêrno bem como para proteção ao vôo das aeronaves que, daquela data em diante, iriam pousar em Brasília, bem como os funcionários da Panair incumbidos de instalar a referida Estação. Eram eles o mestre de obras Johan Hans Pardon, o mecânico de motores José Fernandes Vieira, os rádio-operadores José Martins e Gastão Jorge Dondeo e o técnico em rádio Álvaro Teixeira Coelho.

Depois de montada, a estação transmitiu o primeiro rádio da terra de Brasília, nos seguintes termos: "Riocepb cy Riocdpb Gmccapb solicitação comte Prates Assistente comitiva Presidente favor fonar palácio catete combinando qso permanente ew Catete/Brasília pt indiquem hora e freqüência pt dispomos freqüência 6634.5 532φ prefixo zzb et 7φ14 14φ 28 caráter excepcional zzbcapb 3116φφ (out) 31-10-56".

Nesta mesma data a pioneira estação de rádio da Panair teve a visita do presidente da Novacap, dr. Israel Pinheiro.

Dia 5-11-56 foi transmitido - via rádio - o primeiro pedido de socorro para Brasília: Sôro antiofídico para um trabalhador da Novacap mordido por cobra, pois o sôro indicado, não existia em Luziânia. Como se vê, a Panair do Brasil foi mesmo a pioneira de Brasília.





